



# ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 277 - Junho 2026

*Sacerdotes  
para sempre*

*Flashes  
de Fátima*





A DEVOÇÃO AO  
**SAGRADO CORAÇÃO**  
*de Jesus*

*“Vinde a Mim todos vós que estais cansados  
e fatigados sob o peso de vossos fardos  
e Eu vos darei descanso”. (Mt 11, 28)*

Nos dias de hoje, em que o sofrimento, o drama e a crise assolam o mundo, quem não procura paz? Quem não busca um pouco de repouso?

Ao longo da História, muitos Santos encontraram esse descanso. Não no ócio ou na preguiça, mas no próprio Coração de Jesus. Como uma fonte de água viva, Ele atrai individualmente a cada um de nós para um convívio íntimo com Ele, de modo que seu amor se irradie para o mundo inteiro.

Através do curso on-line *A devoção ao Sagrado Coração de Jesus*, disponível na **Plataforma Reconquista**, você poderá apreciar as maravilhas do relacionamento com o Salvador, aprender a vencer os obstáculos que d’Ele nos separam e conhecer os apelos misteriosos feitos por Ele a seus filhos, incluindo você. Não perca!



# Flashes de Fátima

Revista da Campanha  
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXVIII n.º 277 - Junho 2026

## Director:

Manuel Silvio de Abreu Almeida

## Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;  
Silvia Gabriela Panez;  
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

## Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria  
NIPC: 501141812

## Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. João XXI, 11 - 1.º Esq.  
1000-298 Lisboa  
N.º ERC. 120.975  
Dep. Legal n.º 112719/97  
ISSN 3051-6757

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em  
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

## Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.  
Rua da Fábrica, 260  
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de  
Inspiração Cristã

Tiragem: 10.000 exemplares

# SUMÁRIO

➔ PERGUNTAM OS LEITORES .....	4
➔ EDITORIAL	
Sacerdotes no tempo e na eternidade .....	5
➔ A VOZ DOS PAPAS	
O maior tesouro da Santa Igreja .....	6
➔ A LITURGIA DOMINICAL	
Levi: convertido na hora certa .....	8
Um povo sacerdotal .....	9
Livrai-me, Senhor, dos meus "amigos" .....	10
Unidos por uma missão universal .....	11
➔ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Sinal de insuperável amor .....	12
➔ TEMA DO MÊS – A SAGRADA EUCARISTIA	
"Sendo muitos, formamos um só Corpo" .....	16
Adoração eucarística – "O Mestre está aí e te chama" .....	20
➔ SÃO TOMÁS ENSINA	
A Eucaristia previne os pecados futuros? .....	23
➔ ENSINAMENTOS BÍBLICOS	
Augusto mistério, prefigurado desde o início .....	24
➔ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Ao resgate de Jesus .....	28
➔ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Como honrar a Sagrada Eucaristia? .....	31
➔ VERDADES CATÓLICAS	
Eucaristia e sacerdócio – "Outros Cristos" .....	32
➔ ARAUTOS NO MUNDO .....	36
➔ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
Sacerdócio e Nossa Senhora – Abraçados a Maria .....	42
➔ VIDA DOS SANTOS	
Santo Eliseu – Um outro Elias .....	44
➔ DONA LUCILIA	
"Felicitó-a pelo filho que a senhora tem!" .....	48
➔ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Irmã Pobreza e Dama Grandeza .....	50



Arquivo Revista

12 Auge do convívio com Deus nesta terra



João Paulo Rodrigues

32 Sem sacerdócio não há Eucaristia



Stephen Nami

36 Ordenações diaconal e presbital



Reprodução

42 Sacerdotes: filhos prediletos da Santíssima Virgem

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:  
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

*Ainda estou me formando na reta doutrina, por isso ficaria muito agradecido se respondesse a estas perguntas:*

David Cebrián Romero – Via e-mail

*“Tudo foi criado por e para Jesus Cristo”. Mas, lendo Santo Antão, encontrei a seguinte frase: “Tudo o que Deus faz, fá-lo para o homem, porque é bom”. Como se harmonizam essas afirmações? Parecem contraditórias.*

Não há contradição entre a citação da Sagrada Escritura e a sentença de Santo Antão, pois os textos estão em contextos diferentes.

Quando o Apóstolo afirma que tudo foi criado por Cristo e para Cristo (cf. Cl 1, 16), apresenta o Verbo Encarnado como modelo da criação e sua meta última, a resposta de amor do Pai à glorificação que o Filho lhe presta: “O Pai ama o Filho e confiou-Lhe todas as coisas” (Jo 3, 35). E uma vez que a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade tomou nossa carne, a própria humanidade, em seu conjunto, foi elevada a outro patamar. Santo Antão, de sua parte, ao que tudo indica deseja destacar essa mesma bondade

de Deus para com o homem, a qual leva o salmista a se perguntar: “Senhor, que é o homem, para dele assim Vos lembrardes e o tratardes com tanto carinho?” (Sl 8, 5).

Com efeito, o Criador confiou ao homem toda a terra, dando-lhe a missão de cultivá-la (cf. Gn 1, 28-30), como seu cooperador. Pelo mistério da Redenção, porém, ele foi associado à obra divina de modo maravilhoso, como afirma São Paulo: “O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu Corpo, que é a Igreja” (Cl 1, 24). Assim, o cristão redimido une-se por participação à missão salvífica do Filho de Deus.

*No Catecismo de São Pio X se afirma: “Para tornar mais segura a confissão só de pecados veniais, é prudente acusar, com verdadeira dor, também algum pecado mais grave da vida passada, ainda que já confessado outras vezes”. Entretanto, li que o Pe. Pio repreendia os seus penitentes quando faziam isso.*

O piedoso conselho do *Catecismo* é uma sugestão pastoral, não aplicável a todos os casos. O confessor pode discernir circunstâncias concretas em que não convém recordar pecados já absolvidos. Por exemplo, quando há certa neurose de culpa ou escrúpulo desequilibrado. O escrúpulo, comentava Santo Inácio de Loyola (cf. *Exercícios espirituais*, n.348), pode ser útil para principiantes, mas certamente é daninho aos adiantados na vida espiritual.

Por outro lado, há certos casos em que vale a pena reiterar Confissões anteriores para uma maior humilhação da própria alma, para purgar ainda mais os resquícios do pecado – *reliquiae peccati*, pois permanecem ainda na alma

certas inclinações geradas pelo pecado, mesmo após a Confissão – ou eventualmente quando se percebe que não se confessou de modo íntegro; por exemplo, escondendo alguma agravante.

O escrúpulo excessivo não faz bem, e é contra isso que São Pio de Pietrelcina alertava; porém, tampouco se pode cair na inescrupulosidade ou laxismo, o qual causa sérios danos na alma, podendo levar à tibieza e até mesmo à impenitência final.

Cabe ainda recordar que a virtude moral está entre dois extremos. Por exemplo, entre a gula e o fastio está o equilíbrio daquele que se alimenta com temperança. ✨

## SACERDOTES NO TEMPO E NA ETERNIDADE



**D**urante séculos, os levitas imolaram incontáveis vítimas no Templo. No Altar da Cruz, porém, o Redentor uniu em Si o Sacerdote e a Vítima numa única e eterna oblação (cf. Hb 7, 27). Ao prometer sua presença terrena até a consumação dos tempos (cf. Mt 28, 20), Cristo perpetuou o Sacrifício do Calvário no rito eucarístico e estendeu sua ação salvífica na terra através do sacerdócio ministerial.

Desde a Antiga Aliança, os sacerdotes permaneciam na presença do Altíssimo (cf. Dt 18, 5); no regime da graça, ademais, é o próprio Senhor que Se faz presente neles. Como “administradores dos mistérios de Deus” (I Cor 4, 1), são essencialmente mediadores entre a Trindade e os homens; vivem no limiar entre o tempo e a eternidade, entre a terra e o Céu.

A Divina Sabedoria não confiou o sacerdócio aos Anjos, mas a homens como Jesus, o Verbo Encarnado. O presbítero foi ordenado para *ser* Cristo, *alter Christus*. Por isso, sua santificação não é opção, é dever.

A tentação primordial do ministro ordenado consiste em se colocar no lugar do Senhor: “Eu sou um deus” (Ez 28, 2). Trata-se de uma soberba luciferina, um verdadeiro sacrilégio, que profana o caráter de Cristo impresso na alma. Assim, somente a santidade é compatível com essa excelsa vocação (cf. São Pio X, *Hærent animo*, n.8). Ai daquele que a corrompe!

Para São José Cafasso, o clérigo precisa ser irrepreensível (cf. I Tm 3, 2): “Ser exemplo é o mesmo que ser eclesiástico, e quem não seja exemplo, pode-se dizer que, de certo modo, sequer continua sacerdote” (*Instruções para Exercícios Espirituais*, X). Enquanto profissões comuns admitem dissociação entre ofício e conduta, o ministério presbiteral exige identidade plena entre o *ser sacerdote* e o *ser exemplo* (cf. *ibid.*).

Isso não implica a perda do múnus sacramental pelo pecado – o caráter é indelével –, mas manifesta que, em especial para os presbíteros, “viver é Cristo” (Fl 1, 21). Até seus costumes precisam ser *sacerdotais*, a começar pelo oferecimento dos próprios “corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12, 1). Longe da heresia das obras e do pelagianismo, suas vidas, enraizadas na oração e sustentadas pela graça, expandirão a paternidade espiritual do Pai no tempo, como verdadeiro *padre* – etimologicamente, pai.

Em particular na Santa Missa, memorial vivo do Sacrifício da Cruz, o celebrante se configura com o Sacerdote-Vítima, como *alter Christus crucifixus* – outro Cristo crucificado. Misticamente, todo sacerdote é um estigmatizado, e não só durante a Eucaristia. Como o Redentor, sua vida é total oblação: quer no silêncio, à maneira da lamparina do Santíssimo Sacramento que se consome para louvar; quer na pregação, ao irradiar o Verbo Divino no século como *os Christi* – “boca de Cristo” (São Tomás de Aquino. *In Ioannem*, c.XII, lect.4, n.1633).

Ao cruzar os umbrais da eternidade, o sacerdote observante ouvirá: “Parabéns, servo bom e fiel! Como te mostraste fiel na administração de tão pouco, eu te confiarei muito mais. Vem participar da alegria do teu senhor” (Mt 25, 21). Unido plenamente à Trindade no Céu, o sacerdote bem-aventurado continuará a participar da interminável autooferação de Cristo Sacerdote ao Pai por meio do Espírito Santo, para benefício da humanidade. A vocação presbiteral, portanto, não cessa neste vale de lágrimas: ela atinge seu ápice na configuração definitiva com o Sumo Sacerdote na Pátria, isto é, no “lugar do Pai” – e do padre. ✠



Ordenação  
presbiteral na  
Basílica  
Nossa Senhora  
do Rosário,  
Caieiras (SP),  
em 12/4/2026

Foto: Sergio Céspedes



# O maior tesouro da Santa Igreja

A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como o dom por excelência, porque dom d’Ele mesmo e também da sua obra de salvação.

## O DEGUSTAR FERIU E O DEGUSTAR CUROU

Superando toda plenitude de generosidade, excedendo toda medida de amor, [Jesus Cristo] ofereceu a Si mesmo em alimento. Ó singular e maravilhosa generosidade, onde o doador vem como dom, e o que é doado é totalmente idêntico ao doador!

Ele, portanto, Se deu a Si mesmo em alimento a nós, para que o homem que estava em ruínas por causa da morte, pelo alimento fosse reerguido para a vida. O degustar feriu e o degustar curou. Contempla como, de onde nasceu a ferida, saiu o remédio e, de onde entrou a morte, saiu a vida. Daquele degustar, de fato, foi dito: “No dia em que comeres, de morte morrerás” (Gn 2, 17); deste, ao contrário, se lê: “Se alguém tiver comido deste Pão, viverá eternamente” (Jo 6, 52).

URBANO IV.  
*Transiturus de hoc mundo*,  
11/8/1264: DH 847

## INDIGÊNCIA SACIADA PELA EUCARISTIA

Quando nos alimentamos de Jesus, Pão vivo e verdadeiro, vivemos por Ele. Oferecendo-Se totalmente, o Crucificado Ressuscitado entrega-Se a nós, que assim descobrimos que fomos feitos para nos alimentarmos de Deus. A nossa natureza faminta traz o sinal de uma indigência que é saciada pela graça da

Eucaristia. Como escreve Santo Agostinho, Cristo é verdadeiramente “*panis qui reficit, et non deficit; panis qui sumi potest, consumi non potest*” (*Sermo* 130, n.2): um pão que alimenta e não falta; um pão que se pode comer, mas não se esgota. Com efeito, a Eucaristia é a presença verdadeira, real e substancial do Salvador, que transforma o pão em Si mesmo, para nos transformar n’Ele.

LEÃO XIV.  
*Homilia*, 22/6/2025

## CRISTO PRESENTE EM SUA PRÓPRIA SUBSTÂNCIA

Este é o memorial salvífico, no qual reconsideramos a grata memória da nossa Redenção, no qual somos afastados do mal e revigorados no bem, e progredimos no crescimento das virtudes e das graças, no qual verdadeiramente progredimos pela presença corpórea do próprio Salvador.

De fato, as outras coisas de que fazemos memória, nós as abraçamos com o espírito e com a mente, mas não conseguimos com isto a sua real presença. Ao invés, nesta sacramental comemoração de Cristo, está presente conosco Jesus Cristo, ainda que sob outra forma, mas em sua própria substância.

URBANO IV.  
*Transiturus de hoc mundo*,  
11/8/1264: DH 846

## PRESENÇA REAL POR ANTONOMÁSIA

Esta presença chama-se “real”, não por exclusão como se as outras não fossem “reais”, mas por antonomásia, porque é substancial, quer dizer, por ela está presente, de fato, Cristo completo, Deus e Homem. Erro seria, portanto, explicar esta maneira de presença imaginando uma natureza “pneumática”, como dizem, do Corpo de Cristo, natureza esta que estaria presente em toda a parte; ou reduzindo-a a puro simbolismo, como se tão augusto Sacramento consistisse apenas num sinal.

SÃO PAULO VI.  
*Mysterium fidei*, 3/9/1965

## O DOM POR EXCELÊNCIA

A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como o dom por excelência, porque dom d’Ele mesmo, da sua Pessoa na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação. Esta não fica circunscrita no passado, pois “tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente” (CCE 1085).

SÃO JOÃO PAULO II.  
*Ecclesia de Eucharistia*, 17/4/2003



## TESOURO ESCONDIDO

A Igreja possui em si um segredo, um tesouro escondido, um mistério, como se fosse um coração interior. Possui o próprio Jesus Cristo, seu Fundador, seu Mestre e seu Redentor. [...] Mas onde está, se não se vê? Eis o segredo, eis o mistério: a presença de Cristo é verdadeira e real, mas sacramental, ou seja, está escondida, mas, ao mesmo tempo, é identificável. Trata-se de uma presença revestida por sinais especiais, que não deixam ver a sua divina figura humana, mas apenas nos asseguram que Ele, Jesus do Evangelho e agora Jesus vivo na glória do Céu, está aqui, na Eucaristia.

SÃO PAULO VI.  
*Homilia, 28/5/1970*

## SACRAMENTO QUE NÃO ADMITE AMBIGUIDADES

O Sacramento eucarístico é o “*mysterium fidei*” por excelência. E, todavia, precisamente através deste Sacramento da sua total ocultação, Cristo torna-Se mistério de luz, mediante o qual o fiel é introduzido nas profundezas da vida divina. [...]

É importante que nenhuma dimensão deste Sacramento fique transcurada. Com efeito, subsiste sempre no homem a tentação de reduzir às suas próprias dimensões a Eucaristia, quando na realidade é ele que se deve abrir às dimensões do mistério. “A Eucaristia é um dom demasiado grande para suportar ambiguidades e reduções” (*Ecclesia de Eucharistia*, n.10).

SÃO JOÃO PAULO II.  
*Mane nobiscum Domine, 7/10/2004*

## SINAL DE CONTRADIÇÃO

Precisamente porque se trata de uma realidade misteriosa que ultrapassa a nossa compreensão, não devemos sur-



João Paulo Rodrigues

**“Confiai na palavra do meu Filho. Se Ele pôde mudar a água em vinho, também é capaz de fazer do pão e do vinho o seu Corpo e Sangue”**

Adoração ao Santíssimo Sacramento - Casa Lumen Prophetæ, Franco da Rocha (SP)

prender-nos se também hoje muitos têm dificuldade em aceitar a Presença Real de Cristo na Eucaristia. Não pode ser de outra forma. Foi assim desde o dia em que, na sinagoga de Cafarnaum, Jesus declarou abertamente ter vindo para nos dar em alimento a sua Carne e o seu Sangue. A linguagem pareceu “dura” e muitos se retiraram. Então como agora, a Eucaristia permanece “sinal de contradição” e não pode deixar de sê-lo, porque um Deus que Se faz carne e Se sacrifica a Si mesmo pela vida do mundo põe em dificuldade a sabedoria dos homens.

BENTO XVI.  
*Homilia, 7/6/2007*

## TEMOS POR ELE O MESMO AMOR?

No desejo de Jesus, podemos reconhecer o desejo do próprio Deus:

o seu amor pelos homens, pela sua criação, um amor em expectativa.

O amor que espera o momento da união, o amor que quer atrair os homens a si. [...] Jesus deseja-nos, aguarda-nos. E nós, temos verdadeiramente desejo d’Ele? Sentimos, no nosso interior, o impulso para O encontrar? Ansiamos pela sua proximidade, por nos tornarmos um só com Ele, dom este que Ele nos concede na Sagrada Eucaristia?

BENTO XVI.  
*Homilia, 21/4/2011*

## MARIA, MULHER EUCARÍSTICA

Se a Eucaristia é um mistério de fé que excede tanto a nossa inteligência que nos obriga ao mais puro abandono à palavra de Deus, ninguém melhor do que Maria pode servir-nos de apoio e guia nesta atitude de abandono. [...] Com a solicitude materna

manifestada nas bodas de Caná, Ela parece dizer-nos: “Não hesiteis, confiai na palavra do meu Filho. Se Ele pôde mudar a água em vinho, também é capaz de fazer do pão e do vinho o seu Corpo e Sangue”. [...] Existe, pois, uma profunda analogia entre o *fiat* pronunciado por Maria, em resposta às palavras do Anjo, e o amém que cada fiel pronuncia quando recebe o Corpo do Senhor. A Maria foi-Lhe pedido acreditar que Aquele que Ela concebia “por obra do Espírito Santo” era o “Filho de Deus”. Dando continuidade à fé da Virgem Santa, no mistério eucarístico é-nos pedido crer que aquele mesmo Jesus, Filho de Deus e Filho de Maria, Se torna presente nos sinais do pão e do vinho com todo o seu ser humano-divino.

SÃO JOÃO PAULO II.  
*Ecclesia de Eucharistia, 17/4/2003*



# Levi: convertido na hora certa



✠ Pe. Erick Maria Bernardes Marchel, EP

*A exemplo de São Mateus, é preciso estarmos atentos aos sinais da graça no próximo, certos de que o mesmo fluxo de maravilhas pode pairar sobre nós*

**O**s Evangelhos sinóticos descrevem com objetividade a conversão de Mateus. São Lucas e São Marcos, por deferência, referem-se a Levi, ao passo que o próprio Mateus escreve sobre si: “Jesus viu *um homem* chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos” (9, 9). Por que “um homem”? Porque, verdadeiramente homem, era verdadeiramente pecador, comenta São Tomás de Aquino.<sup>1</sup> Ora, esse recurso de escrita foi utilizado pelo Evangelista para manifestar que ninguém deve se desesperar da salvação.<sup>2</sup>

Ademais, o Evangelho mateano deixa transparecer, pela contiguidade dos episódios, que seu autor levantou-se e seguiu a Cristo porque antes fora preparado pela graça ao presenciar a cura do paralítico (cf. Mt 9, 1-8), cuja narração precede o texto da Liturgia de hoje. A graça é misteriosa por natureza e o Espírito sopra quando quer e onde quer... O Divino Escultor aguarda o momento preciso para moldar as almas.

Na ocasião daquele milagre, Jesus atravessou de barco o mar e “foi para a sua cidade” (Mt 9, 1), isto é, Cafarnaum, onde residia desde que deixara Nazaré (cf. Mt 4, 13). Ora, nesses locais junto às margens havia postos alfandegários e possivelmente Levi ali se encontrava quando apresentaram a Nosso Senhor um paralítico, para que o curasse.

O Evangelista menciona que, em atenção à fé dos circunstantes, o Redentor perdoou os pecados do entrevado e concedeu-lhe a cura: “Levanta-te, pega tua cama e vai para tua casa” (Mt 9, 6).

A multidão “ficou cheia de temor e glorificou a Deus” (Mt 9, 8). Quanta admiração o episódio deve ter suscitado na alma de Mateus, até então estrangulada pela repulsa da sociedade judaica ao seu ofício! De fato, que maravilha observar a munificência de Jesus ao perdoar o paralítico, antes mesmo de este impetrar o perdão!

Isento de inveja da graça fraterna e inebriado pelo anseio de se aproximar de Nosso Senhor para também ser perdoado, aquele publicano sem dúvida surpreendeu-se ao notar que o Mestre caminhava em sua direção. Quando ouviu os divinos lábios pronunciarem o mandato *segue-Me*, foi ele conduzido por uma graça eficaz para imediatamente *deixar tudo*, conforme complementa São Lucas (cf. Lc 5, 28).

Ao observar os benefícios divinos em relação aos demais, a alma humana fica mais apta a se abrir para outras dádivas que vêm do Alto. É habitual, na ordem da graça, a existência de prévias conversões imperfeitas que preparam o coração para uma perfeita conversão.<sup>3</sup> Foi o caso do publicano Levi, chamado depois de outros Apóstolos e após diversos sinais; era preciso esperar o momento propício em que ele obedecesse sem amarras à voz de Cristo.

A exemplo de São Mateus, devemos estar atentos às manifestações da graça na alma do próximo, certos de que o mesmo fluxo de maravilhas pode pairar sobre nós para suscitar uma nova conversão. Que nós também deixemos tudo e sigamos o Divino Mestre quando Ele nos chamar! ✠



São Mateus, por Simone Martini

<sup>1</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *In Matthæum*, c.IX, lect.2, n.756.

<sup>2</sup> Cf. SÃO JERÔNIMO. *Commentariorum in Matheum*. L.I, c.9: CCL 77, 55.

<sup>3</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.114, a.10.

## Um povo sacerdotal



✠ Pe. Alex Barbosa de Brito, EP

**P**ara um Estado soberano existir, necessita de um povo, território definido, governo organizado e leis que regulem o bem comum. Entretanto, um povo pode existir unido por laços culturais ou espirituais, mesmo desprovido de território próprio, como são os cristãos: “Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira”.<sup>1</sup>

Na Liturgia deste domingo, o Senhor promete a Moisés que seu povo será “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19, 6). Ora, essa aliança paira também sobre nós, reconciliados pelo insondável amor de Cristo, que “morreu por nós, quando éramos ainda pecadores” (Rm 5, 8).

Atraiu Ele um povo numeroso (cf. Sl 99, 3), como Pastor às suas ovelhas (cf. Mt 9, 36). E quis multiplicar os seus ministros, pois “os trabalhadores são poucos” (Mt 9, 37). Sim! Seu número é reduzido quando comparado ao tamanho da messe; menor ainda quando se considera a santidade...

Os sacerdotes, em particular os *santos* sacerdotes, são os mais especialmente chamados para o trabalho na messe, mas os leigos também participam do sacerdócio de Cristo, são povo sacerdotal. Estes se encontram “na linha mais avançada da vida da Igreja: por eles, a Igreja é o princípio vital da sociedade”.<sup>2</sup>

De fato, em virtude do Batismo, “os leigos recebem a vocação admirável e os meios que permitem ao Espírito produzir neles frutos cada vez mais abundantes”, em toda e qualquer circunstância, desde que seja “vivido no Espírito de Deus”.<sup>3</sup> Dessa forma, “assim como a alma está no corpo,

assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as cidades do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo”.<sup>4</sup>

Assim foi a Virgem Maria, que nunca Se cansou – nem fez cansar – aqueles dos quais cuidava como Pastora. Ao saber que Isabel precisava d’Ela, subiu apressada as montanhas para servi-la (cf. Lc 1, 39).

Seguiu para Belém, prestes a dar à luz (cf. Lc 2, 4-5). Nascendo o Menino, fugiu com Ele para o Egito (cf. Mt 2, 14), retornou a Nazaré (cf. Mt 2, 21) e, mais tarde, O procurou no Templo, quando Lhe pareceu tê-Lo perdido (cf. Lc 2, 45-46).

Na falta de vinho, adiantou-Se em favor dos noivos e, ao saber que não era chegada a hora, mandou que todos obedecessem a Jesus (cf. Jo 2, 1-11). Quando os pastores de seu Divino Filho O abandonaram, Ela permaneceu de pé junto à Cruz (cf. Jo 19, 25-27) e os perdoou como Mãe. Por fim, com eles se reuniu, no Cenáculo, ensinando-

-os a rezar, à espera do Espírito Santo (cf. At 1, 14).

As ovelhas se entristecem pela falta de bons pastores, modelos do sacerdócio, do qual elas mesmas participam. Maria foi exemplo sublime de seguimento de Cristo e modelo de virtude para todo o povo sacerdotal. Quem A imita em sua generosidade, nunca se transviará da grei do Senhor! ✠



O Bom Pastor - Catedral de Cristo, Dublin

*Se as ovelhas perdem o ânimo, Nosso Senhor não deixa de as favorecer, sobretudo, enviando bons pastores; cabe a elas participar do sacerdócio de Cristo pela generosidade de O seguir*

<sup>1</sup> CARTA A DIOGNETO, c.V, n.5.

<sup>2</sup> CCE 899.

<sup>3</sup> CCE 901.

<sup>4</sup> CARTA A DIOGNETO, c.VI, n.1-3.

## Livrai-me, Senhor, dos meus “amigos”



Pe. Felipe Paschoal, EP

*As relações  
que chamamos  
de “amizade”  
se estabelecem  
quase  
naturalmente  
e não podemos  
viver sem elas.  
Mas... serão  
todas sinceras?*

**A**migo: que palavra prodigalizada! Utilizamo-la para rotular parentes ou vizinhos, companheiros de trabalho, colegas de estudos ou simples conhecidos... Nas redes sociais, multiplicam-se os “amigos”, alcançando por vezes a casa dos milhares. Entretanto, reza o ditado: “amigo de todos, amigo de ninguém”...

É fato que as amizades se estabelecem naturalmente e é impossível viver sem elas: são para cada um como “a metade de sua alma”.<sup>1</sup> Entre os bens terrenos não há nada que as supere.<sup>2</sup> Mas... serão todas sinceras? A Liturgia de hoje oferece alguns elementos para responder a essa indagação.

Na primeira leitura, o profeta Jeremias declara encontrar-se em meio a feroz perseguição: “Eu ouvi as injúrias de tantos homens e os vi espalhando o medo em redor: ‘Denunciái-o, denunciemo-lo’”. A

continuação do versículo revela, com terrível simplicidade, a identidade de tais perseguidores: “Todos os amigos observavam minhas falhas” (Jr 20, 10). Sim, os amigos... e todos eles!

Ora, São Tomás de Aquino<sup>3</sup> explica que a verdadeira amizade exige benevolência desinteressada, pela qual almejamos o bem *para o outro*, e não um bem existente *no outro* – o que caracteriza o amor de concupiscência.

Assim, os falsos amigos buscam tirar de nós algum proveito. São “interessados”, querem usufruir de nossos bens, boa-vontade, energia, relações... Trata-se, em suma, de inimigos disfarçados.

Entretanto, piores e mais sorrateiros revelam-se os que, como os da época de Jeremias, ambicionam nosso tesouro mais precioso: a vida (cf. Jr 20, 13), não só do nosso corpo, mas também da alma. “Temei aquele que pode destruir a alma e o corpo no inferno!” (Mt 10, 28), adverte o Salvador.

Os falsos amigos apresentam-se com a máscara da amabilidade; na realidade, porém, visam dissuadir o justo de suas santas convicções. Quando não conseguem atingir esse objetivo, passam a perseguir-lo. Dói-nos admitir, mas essa sanha pode verificar-se entre os próprios familiares e até entre irmãos na mesma Fé, isto é, os “filhos de minha mãe”, a Santa Igreja, como lamenta o Salmo (cf. Sl 68, 9).

O verdadeiro amigo, por sua vez, põe-se ao nosso lado, como declarou Jeremias (cf. Jr 20, 11), não apenas nos momentos felizes, mas sim a *tudo momento*. Com ele podemos contar sempre. De fato, se a amizade um dia termina, é porque sequer começou. Nesse sentido, devemos confiar na amizade de Deus, que jamais nos abandona e cuja salvação “nunca falha” (Sl 68, 14).

A amizade implica ainda reciprocidade. Entretanto, na relação dos homens com Deus, há uma infinita disparidade: “Todo aquele que se declarar a meu favor diante dos homens, também Eu Me declararei em favor dele diante do meu Pai que está nos Céus” (Mt 10, 32). Por isso, a amizade com o Senhor só pode ser estabelecida por um dom d’Ele mesmo, a graça.

Tendo nos amado a ponto de morrer por nós, o Redentor é o nosso amigo por excelência: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos” (Jo 15, 13). Sigamos seu exemplo. Onde não há verdadeiro sacrifício, não há verdadeira amizade. ✦

<sup>1</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. L.IV, c.6.

<sup>2</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *O reino*. L.I, c.11.

<sup>3</sup> Cf. idem. *Suma Teológica*. II-II, q.23, a.1.



Jó e seus “amigos” - Museu Ala Ponzzone, Cremona (Itália)



# Se morremos com Cristo, viveremos com Ele



✠ Pe. Francisco Javier de Oyarzábal Gutiérrez-Barquín, EP

**T**mortalidade: eis o sonho do ser humano desde a queda original... De fato, “pelo pecado a morte entrou no mundo” (Rm 5, 12). Mas como restaurar a vida? Paradoxalmente, com a morte, como adverte Nosso Senhor no Evangelho deste domingo: “Quem procura conservar a sua vida, vai perdê-la. E quem perde sua vida por causa de Mim, vai encontrá-la” (Mt 10, 39). São Paulo é igualmente taxativo: “Se, pois, morremos com Cristo, cremos que também viveremos com Ele” (Rm 6, 8). Eis o divino mistério: só se ganha a vida, quando se a perde.

São Tomás de Aquino, seguindo a Tradição, comenta que tal morte consiste na participação na Morte de Cristo pelo Batismo.<sup>1</sup> Quando se realiza esse Sacramento por imersão, o catecúmeno é submergido por três vezes, para representar o tríduo da Morte do Redentor. Por essa razão, a Igreja Católica costuma batizar os catecúmenos durante a Vigília Pascal, ao término dos dias do sepultamento de Jesus. O batizado “morre” para viver. Como os Sacramentos da Nova Lei realizam o que significam, o Batismo realmente produz a morte do pecado.

Mas a morte para o pecado também significa nova vida em Cristo pela caridade. Por meio da graça, há uma restauração do Paraíso, pois o justo é verdadeiramente “nova criatura” (II Cor 5, 17). Quando amamos, então deveras vivemos, pois a vida de nossa alma é o amor.<sup>2</sup>

No Evangelho, Nosso Senhor acautela: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a Mim, não é digno de Mim” (Mt 10, 37). E logo acrescenta: “Quem não toma a sua cruz e não Me segue, não é digno de Mim” (Mt 10, 38). Com essas palavras, deixa claro que, sob o regime da graça, é preciso

cumprir o Primeiro Mandamento de modo ainda mais perfeito; trata-se de um amor incondicional a Deus sobre tudo, até mesmo sobre a nossa vida e sobre aqueles que vivem em nossa casa.

Destarte, explica o Aquinate que nosso amor a Deus implica também um ódio implacável ao pecado, porque oposto a Ele. Por essa razão os pecadores, “segundo a natureza, devem ser amados pela caridade. Mas, a sua culpa é contrária a Deus e um obstáculo

para a bem-aventurança. Assim, segundo a culpa que os opõe a Deus, eles merecem ser odiados, mesmo que sejam pai, mãe ou parente, conforme o Evangelho de Lucas. Devemos, pois, odiar os pecadores, enquanto tais, e amá-los, enquanto são homens capazes da bem-aventurança. E isso é verdadeiramente amá-los pela caridade, por causa de Deus”.<sup>3</sup>

Por conseguinte, quando nosso amor se purifica do pecado, levando-nos a odiar o mal sem reservas, nossa alma se abre para o verdadeiro amor que, conduzido pelo Espírito Santo, permite-nos amar o próximo como a nós mesmos, fazendo assim morrer o homem velho e nascer o homem novo (cf. Rm 6, 6).

Esse amor desconhece a morte: persevera até a bem-aventurança no Paraíso Celeste. Por ele restauramos

nossa imortalidade pois, como escreve o Apóstolo, “a caridade jamais acabará” (I Cor 13, 8). ✠



Alegoria da caridade, por Giotto di Bondone - Cappella degli Scrovegni, Pádua (Itália)

*A morte para o pecado significa nova vida em Cristo pela caridade. Quando amamos, então vivemos*

<sup>1</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Super Epistolam ad Romanos*, c.VI, lect.1, n.474.

<sup>2</sup> Cf. SÃO FRANCISCO DE SALES. *Tratado do amor de Deus*. L.VII, c.7.

<sup>3</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.25, a.6.



# Sinal de insuperável amor

A Eucaristia é sobretudo uma mostra do amor de Deus para conosco. Ele quis dar-Se a nós de forma plena, para que possamos obter mais do que nossos pais possuíam no Paraíso, com vistas à eterna bem-aventurança.

✦ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

**A** natureza angélica, saída das mãos de Deus, caracteriza-se por ser puramente espiritual, dotada de inteligência e vontade. Quando, pela intelecção, os Anjos entendem um mesmo princípio e amam esse ideal, eles se unem entre si.

As ideias são também fator de união entre os homens, mas, já no Paraíso Terrestre, Deus quis pôr na criatura humana o instinto da alimentação, no intuito de propiciar a união em torno da mesa. Se a Escritura afirma que “o vinho alegria o coração do homem” (Sl 103, 15), uma boa comida compraz o ser humano

inteiro. A alimentação é indispensável para a saúde; porém, o benefício corporal não consiste, como pensam os materialistas, em sua principal finalidade, mas sim o convívio social. Compartilhar a mesma refeição favorece a conversa e o bom entendimento, e é também ótimo instrumento para a diplomacia.

Talleyrand, grande diplomata francês, conhecia essa regra: quando devia defender os interesses da França perante a Alemanha ou a Áustria, pedia ao rei que lhe mandasse grande quantidade de vinhos, *champagnes* e queijos – sobretudo os famosos *brie* e *camembert*

– pois, dizia ele, durante uma recepção e uma conversa os casos se resolviam mais facilmente e sempre com sucesso.

Para comemorar grandes acontecimentos, como aniversários, formaturas de universidade ou inauguração de novas construções, costumam-se organizar festas, entremeadas com peças de teatro, apresentações musicais e feerias de fogos de artifício. Tais eventos criam um clima de gáudio, mas essa alegria toma mais substância junto à mesa, porque o comer reunidos tem um imponderável de *participação*.

Por isso, quando pessoas que pensam da mesma forma sentam-se para ceiar juntas, completa-se a união dos ideais e todas se fortificam no entrelaçamento entre si.

***Alimento de verdadeira Sabedoria, sinal de insuperável amor***

De fato, a comida foi criada por Deus com vistas ao homem dela se utilizar para conhecer e amar mais a seu Criador.

Por que, então, colocou Ele no centro do Paraíso Terrestre a árvore da ciência do bem e do mal, cujo fruto Adão e Eva não podiam provar? Porque queria dar a eles a possibilidade de, abstenendo-se de algo pelo esforço da obediência e submissão, se ordenassem ainda mais.

Contudo, há ainda uma questão de fundo que nos leva a melhor compreender o porquê Deus sujeitou a natureza



Reprodução

**O benefício corporal da alimentação não é sua principal finalidade, mas sim o convívio, pois o comer reunidos tem um imponderável de participação**

“Filipe II de Espanha em banquete com sua família e cortesãos”, por Alonso Sánchez Coello - Museu Nacional de Varsóvia

humana à necessidade de alimentar-se todos os dias para subsistir.

Adão devia ansiar pela ciência do bem e do mal, confiando em que o Criador Iha ofereceria num manjar especial. Deus age sempre assim: exige uma pequena renúncia, para depois conceder um prêmio infinitamente maior. Em determinado momento, Ele Se encarnaria e deixar-Se-ia a Si próprio como alimento de verdadeira Sabedoria. Com efeito, ainda que o homem não pecasse, a Eucaristia seria instituída, pois este era o plano divino desde toda a eternidade.

Ora, o pecado original consistiu num mau uso do apetite; e o homem decadente, no seu desvario, fez da comida um deleite para si mesmo, requeitando-a no desejo de gozar dela com um prazer inteiramente egoístico.

No Paraíso, Deus ordenara: “Não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente” (Gn 2, 17). Mas, uma vez cometido o pecado, Nosso Senhor vem à terra e diz, a nós que nascemos com a culpa original, uma palavra criadora e divina: “Em verdade em verdade vos digo, se não comeres a Carne do Filho do Homem e não beberes do seu Sangue, não tereis vida em vós. O que come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem vida eterna” (Jo 6, 53-54).

Pelo lado simbólico, a Eucaristia é uma reparação do pecado original, mas é sobretudo um sinal de insuperável amor da parte de Deus para com o homem. Ele quis dar-Se a nós de forma plena, para que possamos obter mais do que nossos pais possuíam no Paraíso, com vistas à eternidade feliz.

Banquete em latim tem o nome de *convivium*, e é na Eucaristia que nós encontramos o auge do convívio com Deus. Os benefícios desse Sacramento nunca serão compreendidos, classificados e explicados por inteiro nesta terra, porque são indizíveis e imperscrutáveis até pela imaginação do mais perfeito dos Anjos. E é justamente a esse grande banquete que somos convidados.

### **Um dogma de Fé provado por milagres**

A Presença Real de Cristo no pão e no vinho consagrados é um dogma de Fé revelado por Nosso Senhor, que nos deu sua palavra no Evangelho: “Porque minha Carne é verdadeiramente comida e o meu Sangue verdadeiramente bebida” (Jo 6, 55).

Mais tarde a Igreja, quando contestada pelos protestantes no século XVI, definiu claramente que na Eucaristia estão Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo.<sup>1</sup>

De outra parte, ao longo da História ocorreram numerosos milagres que provam a grandeza desse extraordinário Sacramento. Entre eles se destaca o de Bolsena, que levou o Papa Urbano IV a instituir a Solemnidade de Corpus Christi. Precedentemente, as revelações de Santa Juliana de Mont-Cornillon haviam levantado a discussão a esse respeito, e os teólogos debatiam se devia ou não se realizar tal festa.

O Papa encontrava-se em Orvieto, quando lhe chegou a notícia do prodígio acontecido na cidade próxima: certo sacerdote, atormentado por tentações contra a fé a propósito da Eucaristia, celebrava a Missa quando a hóstia transformou-se em um pedaço de Carne nas suas mãos e começou a verter Sangue, embebendo vários corporais.

Outro episódio passou-se com São Luís IX, rei da França. Estava ele sentado a uma mesa, escrevendo, quando um pajem se aproximou esbaforido:

— Majestade! Majestade! Venha depressa que ainda dá tempo!...

— O que houve? – perguntou ele.

— Agora, durante a Missa, no momento em que o sacerdote elevou a hóstia, o Menino Jesus apareceu nas mãos dele, e está lá!...

São Luís pôs a pluma de lado, levantou-se e fez uma genuflexão com profundo recolhimento. Depois se sentou novamente e disse:



Reprodução

**Adão devia ansiar pela ciência do bem e do mal, mas confiando em que o Criador Iha ofereceria num manjar especial**

Detalhe de “O pecado original”, por Michiel Coxie - Museu de História da Arte, Viena

— Deus opera esse milagre não para os crentes, mas para aqueles que duvidam. Minha fé não exige que eu veja e não quero perder o mérito; creio plena e firmemente e já O adorei daqui!<sup>2</sup>

Outros fatos miraculosos ocorridos com os Santos também confirmam a veracidade da presença do Redentor sob os véus eucarísticos. Santa Catarina de Sena, por exemplo, passava dias alimentando-se unicamente da Eucaristia e em muitas ocasiões, ao terminar de ingerir a Sagrada Forma, seu corpo permanecia suspenso no ar.<sup>3</sup> Conta-se que São Pio X às vezes demorava horas para celebrar a Missa, porque no momento em que acabava de pronunciar as palavras “Isto é o meu Corpo que será entregue por vós”, entrava em êxtase e levitação com a hóstia no alto, ante o assombro da assistência.

### **Como está Cristo na Eucaristia?**

Vejamos agora como Nosso Senhor Jesus Cristo está na Eucaristia. De acordo com São Tomás de Aquino,<sup>4</sup> Ele está com seu Corpo *glorioso* como está agora no Céu, de *tamanho natural*, todo *inteiro em cada partícula e oculto sob os acidentes*.



**Muito mais do que um memorial, a Missa é a renovação do sacrifício do Calvário, instituída por Nosso Senhor durante a Santa Ceia quando disse: “Isto é o meu Corpo que é dado por vós; fazei isto em memória de Mim”**

Santa Ceia, por Fra Angélico - Museu São Marcos, Florença (Itália)

Ao olharmos para aquela pequena hóstia nossa mente não é capaz de entender como Ele Se encontra ali em tamanho natural. Entretanto, há uma imagem que nos aproxima da realidade, sem, contudo, penetrá-la inteiramente: quando conversamos com uma pessoa, ou temos uma paisagem diante dos olhos, não é preciso que nosso interlocutor se agache nem que o panorama se reduza para entrar em nossa retina. Tudo cabe em tamanho real na visão humana. Assim também está Nosso Senhor Jesus Cristo na hóstia.

E, se esta for fracionada, Ele ainda permanece inteiro em cada uma das partes, à semelhança do que se passa com um espelho: ao quebrar-se, a imagem se reflete totalmente em todos os fragmentos.

Para compreender que Ele esteja oculto debaixo dos acidentes, imaginemos um estojo de relíquias bem fechado. Ao olharmos para ele vemos um mero relicário; mas, se o abriremos, encontraremos seu precioso conteúdo. De modo análogo, as Espécies Eucarísticas são como um estojo, dentro do qual está escondido Nosso Senhor Jesus Cristo.

É em razão de sua infinita bondade para conosco, e para facilitar que nós O recebamos, que Ele Se cobre sob as aparências de pão; caso Se apresentasse em toda a sua figura, nossa primeira reação seria de deslumbramento – o

que nos faria perder os méritos de crer sem ver – e a segunda de temor reverencial, de modo que experimentaríamos grande receio de comungar.

### *A Eucaristia é verdadeiro sacrifício*

Lutero e os protestantes afirmavam ser a Eucaristia uma simples recordação, e espalhavam essa doutrina errada. Por isso foram condenados pela Igreja, a qual declarou que, muito mais do que um memorial, a Missa é a renovação do sacrifício do Calvário.<sup>5</sup>

Foi Nosso Senhor quem instituiu esta cerimônia na Quinta-Feira Santa, durante a Santa Ceia, quando disse: “Isto é o meu Corpo que é dado por vós; fazei isto em memória de Mim” (Lc 22, 19).

Portanto, o sacrifício específico que Ele sofreu sendo flagelado, coroado de espinhos e entregando a sua vida na Cruz repete-se sobre o altar. A essência é exatamente a mesma; e a Víctima é uma só.

As circunstâncias acidentais são diferentes, pois na Cruz o sacrifício foi cruento; enquanto na Eucaristia ocorre sem derramamento de sangue. Na Cruz, o Corpo de Jesus era mortal; na Eucaristia, Cristo não morre mais. Na Cruz, Ele padeceu uma só vez; na Eucaristia, Ele Se oferece incontáveis vezes. Na Cruz, o preço de seu Sangue promoveu a Redenção; na Eucaristia se obtém a aplicação deste preço conquistado por Ele

na Cruz. Porém, o valor infinito do sacrifício do Calvário é idêntico ao do sacrifício operado sobre o altar.<sup>6</sup>

### *União da alma com Deus*

Ora, uma vez que nós O recebemos, como se une Ele a nós?

Existe, entre os homens, a união moral, que se fundamenta num vínculo de amor, pelo qual apesar de ausentes, aqueles que se amam mantêm-se imbricados. Há ainda a união externa, que se estabelece pelo contato físico, mas esta é muito superficial, pois duas pessoas podem estar lado a lado, e até mesmo se acotovelando, sem, porém, sequer se conhecerem.

Entretanto, nenhuma dessas é a que temos com Nosso Senhor na hora da Comunhão, porque não significa estar junto, nem mesmo aderido, mas é uma união tão forte, que podemos chamá-la de “mútua compenetração”, conforme Ele disse no Evangelho: “Assim como o Pai que me enviou vive, e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne viverá por mim” (Jo 6, 57).

Enquanto as espécies estão incorruptas em nosso interior, a graça santificante não só aumenta, mas a alma se enche de graça, e a união com Deus se intensifica, pois Ele penetra em nós à maneira da água que embebe uma esponja seca. Quando tomamos um alimento, nosso

organismo digere e aproveita o que lhe é útil para a saúde e o desenvolvimento físico. Portanto, transformamos aquela comida em energia para nosso corpo. Mas, segundo defendem vários santos e doutores, na Eucaristia passa-se um fenômeno oposto a esse: dado que a substância é infinitamente superior a nós – pois é o próprio Jesus, Deus e Homem verdadeiro – ao invés de transmutar-Se em nós, é Ele quem nos assume e nos santifica.

Quem não gostaria de concentrar todo o ouro do mundo em suas mãos? Nesse caso não se trata de ficarmos ricos, pois as riquezas da Terra nada são perto do supremo valor deste Sacramento. Trata-se, isto sim, de aproximarmos-nos do Sagrado Coração de Jesus, Autor e fonte inesgotável de toda graça, para sermos milhões na eternidade!

### Penhor da vida futura

Se guardamos com cuidado uma semente de cereja, ela pode se conservar durante anos e, uma vez lançada na terra, germinar numa frondosa árvore. Mas se tomarmos o mesmo caroço e o cortarmos em lascas, ainda que depois de vinte e quatro horas juntemos todos os fragmentos e os plantemos, não poderá mais nascer deles uma cerejeira.

Os que se esforçam para ser fiéis à Lei de Deus, dentro da prática da piedade, procurando fugir das ocasiões próximas de pecado e dizendo “não!” às tentações; estes mantêm a graça em sua alma como uma semente. Aqueles, pelo contrário, que cedem à inveja, à comparação, à vaidade, à mentira, e... depois acabam por cair em algum pecado mortal, são como quem tritura o caroço de cereja: não têm mais em si o germe da glória eterna!

Pois bem, o mundo de hoje preza tanto a saúde e se preocupa com o bem-estar. No entanto, ainda que a pessoa chegue aos oitenta ou noventa anos, a morte é um desígnio do qual ninguém escapa. Um dia todos morreremos e nossa carne será comida pelos vermes,

presente não é a verdadeira vida e nosso destino não é permanecer por toda a eternidade sepultados no fundo da terra.

Qual é a nossa pátria? Nascemos para ir ao Céu e esse é justamente o nosso anseio! Mas é preciso passar por um período de prova onde sintamos nossa contingência e a experiência de nossa miséria, e como sem Deus nada valemos, nada temos e nada somos.

Ora, para manter a virtude e ressuscitar na vida futura, é preciso alimentar-se da Eucaristia, conforme a promessa de Nosso Senhor: “Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 54). Ela conquista a nossa ressurreição e é um penhor mediante o qual Deus nos garante o Céu.

Assim acontecerá no último dia: Nosso Senhor virá e, ao toque da trombeta, todos os mortos levantar-se-ão. Os que desprezaram a Comunhão, recuperarão seus corpos em estado padecente para depois queimar nos tormentos do Inferno sem se consumir; os que receberam o Corpo e o Sangue de Cristo, ressuscitarão com o corpo em estado de glória.

Essa é a alegria que teremos quando sairmos das trevas deste mundo e, emergindo para a luz da eternidade, encontrarmos as maravilhas do Céu, na contemplação de Deus face a face, adorando-O como Ele mesmo Se vê, cantando as suas glórias e gozando da sua felicidade! ✠

Excertos de exposições orais proferidas entre os anos de 2000 e 2009



Arquivo Revisita

### A Eucaristia é o auge do convívio com Deus, e é um penhor mediante o qual Ele nos garante o Céu

Mons. João durante Celebração Eucarística em agosto de 2009, na Basílica Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

restando apenas um esqueleto e uma caveira de aspecto assustador!

No fundo de nossa alma, porém, há algo que pede uma ressurreição. Quando rezamos a *Salve Regina* nos reconhecemos “os degredados filhos de Eva”, e de fato, somos aqueles que saíram da sua pátria e viemos para este “vale de lágrimas”, mas sabemos que a existência

<sup>1</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO. *Decreto sobre o Sacramento da Eucaristia*, c.III: DH 1640.

<sup>2</sup> Cf. SPIRAGO, François. *Recueil d'exemples appliqués*

*au catéchisme populaire*. Ca-dillac: Saint-Remi, 2018, p.28.

<sup>3</sup> Cf. UNSET, Sigrid. *Catarina de Siena*. Rio de Janeiro: Agir, 1956, p.89.

<sup>4</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, q.75, a.4; q.76, a.1-4; q.77, a.1.

<sup>5</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO. *Doutrina e cânones sobre*

*o Sacrificio da Missa*, cân.3: DH 1753.

<sup>6</sup> Cf. CCE 1367.



## “Sendo muitos, formamos um só Corpo”

Assim como o Pai e o Filho são um pelo Espírito Santo, Nosso Senhor também nos induz à unidade pelo vínculo da caridade e pelo mais sublime dos Sacramentos.



✦ **Lavínia Colombo Paes da Silva**

O Sacramento do Altar foi sempre objeto central da adoração, honra e explicitação doutrinária da Santa Igreja. E não poderia ser diferente, pois ela “vive da Eucaristia”,<sup>1</sup> em cujas espécies de pão e vinho está contida a própria Presença Real de Cristo,<sup>2</sup> vivificada pelo Espírito Santo. Esse augusto dom encerra todo o bem espiritual da Igreja, conforme ensina o Magistério, e os outros seis Sacramentos, como também todos os ministérios eclesiais e as obras de apostolado ordenam-se a ele e realizam-se em função dele.<sup>3</sup>

Ora, mais do que isso, “a Eucaristia faz a Igreja”:<sup>4</sup> é a condição de sua existência e o elemento que a torna *católica*, ou seja, universalmente una, porque reúne todos os batizados *num só Corpo*. Eis uma sublime e profunda verdade, poucas vezes, porém, considerada por nós! A antiguidade cristã a tinha

muito presente e, por isso, “designava com as mesmas palavras – *Corpus Christi* – o Corpo nascido da Virgem Maria, o Corpo Eucarístico e o Corpo Eclesial de Cristo”.<sup>5</sup>

Que relação há, pois, entre essas três realidades? Quais são as raízes desse belíssimo mistério de nossa Fé? Para bem meditar sobre tal assunto,

*O augusto dom da Eucaristia é a condição da existência da Igreja e o elemento que a torna universalmente una*

remontemo-nos à própria instituição da Sagrada Eucaristia na Última Ceia.

### *Desejo íntimo do Sagrado Coração de Jesus*

O Evangelho de São João, numa de suas mais belas, comoventes e grandiosas passagens, recolhe a oração feita por Nosso Senhor Jesus Cristo momentos antes de dirigir-Se ao Horto das Oliveiras para sofrer a Paixão. O Salvador acabara de confiar aos Apóstolos, recém-recebidos no sacerdócio, o mais inestimável legado: seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade sob as espécies do pão e do vinho. Sabendo, então, “que chegara sua hora” (Jo 13, 1), num misto de dor e ternura orou ao Pai nestas palavras que aqui recordamos brevemente:

“Pai, glorifica-Me junto de Ti, concedendo-Me a glória que tive junto de

Ti, antes que o mundo fosse criado. Manifestei o teu nome aos homens que do mundo Me deste. Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que Me deste, porque são teus. [...] Neles sou glorificado. Já não estou no mundo, mas eles estão ainda no mundo; Eu, porém, vou para junto de Ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que Me encarregaste de fazer conhecer, a fim de que sejam um como Nós. Enquanto Eu estava com eles, Eu os guardava em teu nome, que Me incumbiste de fazer conhecido. [...] Mas, agora, vou para junto de Ti. Dirijo-Te esta oração enquanto estou no mundo para que eles tenham a plenitude da minha alegria. [...]

“Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em Mim. Para que todos sejam um, assim como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu Me enviaste. Dei-lhes a glória que Me deste, para que sejam um, como Nós somos um: Eu neles e Tu em Mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que Me enviaste e os amaste, como amaste a Mim” (Jo 17, 5-23).

Essa ardente súplica consignou para toda a eternidade o que haveria de ser a Igreja, prestes a nascer do lado aberto do Crucificado. Com efeito, Nosso Senhor insiste por quatro vezes, com matizes diferentes, neste mesmo pedido: “Pai, que todos sejam um como Nós somos um”.

Explica São Tomás de Aquino<sup>6</sup> que esse desejo do Salvador consiste em que a unidade da Santa Igreja seja o reflexo mais perfeito possível da união d’Ele com o Pai. Assim como Ambos são um só Deus pelo Amor procedente d’Eles, que é o Espírito Santo, Nosso Senhor pede que também sejamos um pela participação no indestrutível vínculo da caridade.

Inspirado pelo Paráclito, São Paulo expressou esse desejo do Ho-

mem-Deus em doutrina, sobretudo na sua Primeira Epístola aos Coríntios: “Como o corpo é um todo tendo muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, assim também é Cristo. Em um só Espírito fomos batizados todos nós, para formar um só Corpo, judeus ou gregos, escravos ou livres; e todos fomos impregnados do mesmo Espírito. [...] Vós sois o Corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros” (12, 12-13.27).

Ora, essa unidade se torna efetiva, na Igreja, por meio de um Sacramento: a Sagrada Eucaristia, banquete espiritual dos batizados. É por meio do Pão da concórdia, explicita Santo Agostinho,<sup>7</sup> que Deus faz habitar na mesma casa os que têm a mesma maneira de viver, pois ele *significa e realiza* a comunhão de vida com Deus e a unidade dos fiéis pelas quais a Igreja é ela mesma.

*Significa* porque é realmente o Corpo de Cristo sob as espécies do pão, feito da junção de inúmeros grãos, e do vinho, constituído do suco de muitas uvas, o que simboliza os inumeráveis batizados unidos ao Redentor e entre si, na caridade, para formar a única Igreja, o Corpo Místico de Cristo;<sup>8</sup> e *realiza* no sentido de que é a causa e condição indispensável da união dos fiéis, o que nos torna “um só em Cristo Jesus” (Gl 3, 28).

*Pelo Batismo nos tornamos membros do Corpo de Cristo, e esta unidade se efetiva pela Eucaristia, banquete espiritual dos batizados*

### *O cristão é um outro Cristo*

Para a unidade do Corpo Místico, nosso vínculo com sua divina Cabeça é o fator primeiro e o mais importante.

Ao comungar, recebemos como fruto principal a união íntima com o Salvador,<sup>9</sup> como Ele mesmo, em Cafarnaum, revelou a seus discípulos: “Eu sou o Pão vivo que desceu do Céu [...]. Quem come a minha Carne



Rochullandem (CC by-sa 4.0)

Jesus com a Eucaristia - Igreja de São Carlos Borromeu, Liverpool (Inglaterra); na página anterior, detalhe de “Exaltação da Eucaristia” - Museu Pedro de Osma, Lima



e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele. Assim como o Pai que vive Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, assim também quem come a Mim, viverá por Mim” (Jo 6, 51.56-57). Trata-se da união mais perfeita possível com Cristo nesta terra!<sup>10</sup> Mais ainda, comenta Santo Agostinho,<sup>11</sup> agregados ao Divino Corpo, tornamo-nos o que recebemos; ou seja, não apenas nos tornamos cristãos, mas o *próprio* Cristo.

Grande mistério, união inefável, honra acima de todo mérito, que o homem e Cristo sejam um só! É para nós tão grande honra – afirma São João de Ávila –<sup>12</sup> que nossa língua e razão emudecem! Também São Pedro Julião Eymard, exímio adorador do Santíssimo Sacramento, exclama: “Comunhão! Quão significativo é este único termo! [...] Une-se, pois, o Corpo de Jesus Cristo com nosso corpo e sua Alma com nossa alma, pousando sua divindade sobre ambos. Nosso corpo é, por assim dizer, inserido no de Jesus Cristo, o qual, como ganha em dignidade e nobreza, envolve-nos e nos domina, e nos fundimos n’Ele numa união inefável. Que coisa mais magnífica esta união de um Corpo glorioso e ressuscitado com nossa mísera natureza! [...] É um espetáculo celestial”.<sup>13</sup>

Em virtude desse precioso dom, o Redentor prolonga sua presença e atuação no mundo, porque sempre participa de nossas lutas e sofrimentos, já que é perseguido em nós, seus membros (cf. At 9, 4). Da mesma maneira, multiplica por todo o orbe suas pregações, seus milagres, sua misericórdia, sua paciência nos trabalhos.

Nossa Cabeça gloriosa vive realmente até o fim do mundo em seu Corpo Místico, peregrinante e militante nesta terra. E, por isso mesmo, todas as boas

obras dos justos, como membros vivos da Igreja, ainda que pareçam simples ou corriqueiras, são preciosíssimas e merecedoras da vida eterna.<sup>14</sup>

### ***Não fuçamos da união com os outros membros***

Considerando tão profunda união com o Verbo humanado, torna-se simples compreender como nós, católicos, estamos vinculados uns aos outros e em que implica esse vínculo.

O Apóstolo, mais uma vez, é em extremo eloquente ao tratar desse assunto (cf. Ef 4, 3-16). Exorta-nos, primeiramente, a conservar sempre a unidade do Espírito, expressa numa só fé, numa só esperança, num só Batismo.

De fato, como explica Santo Irineu, “nossa maneira de pensar está de acordo com a Eucaristia e a Eucaristia confirma nossa doutrina”;<sup>15</sup> assim, ao nos alimentarmos frequente, lícita e frutuosa no Sagrado Banquete, mantemos nossa plena concordância com a doutrina católica e vivemos a fé em sua integridade, consolidando-nos ainda mais na unidade.

São Paulo ensina, ademais, que todos, segundo as diferentes capacidades e tarefas, devem contribuir para o desenvolvimento do Corpo Místico, crescendo em todos os sentidos, naquele que é a nossa Cabeça, até atingir o estado de homem maduro em Cristo. Para isso, precisamos nos revestir de caridade, que se desdobra em mansidão, misericórdia, generosidade, admiração, humildade, magnanimidade, enfim, em toda espécie de boas disposições de uns para com os outros, pois não pode sobreviver um corpo dividido,

*Unidos a Cristo  
Cabeça, devemos  
contribuir também  
para a unidade do  
Corpo Místico pela  
caridade, rejeitando o  
que causa discórdia*



Jesus e a Eucaristia - Museu de Arte Sacra de Santa Mônica, Puebla de Zaragoza (México)

Reprodução

nem se constituir um organismo de membros autossuficientes, vinculados por si mesmos à cabeça e – suprema aberração! – desarticulados entre si...

Nesse sentido, cabe especial rejeição a tudo quanto entre os membros deste Corpo de Cristo seja causa de discórdia, pecado gravíssimo que atenta diretamente contra a sua integridade. Invejas, rixas, dissensões, calúnias, murmurações e arrogâncias (cf. II Cor 12, 20), mesmo pequenas, são repreendidas com severidade no Evangelho, que afirma estar condenado ao inferno quem chamar seu irmão de tolo, e manda abstermo-nos de apresentar ofertas a Deus enquanto não tivermos reparado as faltas desse gênero (cf. Mt 5, 22-24).

Quem quiser, pois, ter parte com Deus, “que não fuja da união com os outros membros, que não seja um membro apodrecido que mereça ser cortado; que não seja um membro disforme de que se tenha vergonha: seja, sim, um membro belo, bem proporcionado, sadio! Esteja intimamente unido ao Corpo”<sup>16</sup>.



Comunhão durante a Santa Missa na Basílica Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

Leandro Souza

*Que o Santíssimo Sacramento, recebido com fervor e assiduidade, seja o centro de nossas vidas e o Rei efetivo de todos os corações*

### *A Eucaristia seja o centro de nossas vidas!*

“Ó sacramento de piedade! Ó sinal de unidade! Ó vínculo de caridade!”<sup>17</sup>, exclamou com plena razão Santo Agostinho, num transporte de amor e gratidão para com esse dom infinito, manifestado com tanta simplicidade a todos os membros da Igreja.

Pois bem, façamos também nossa essa exclamação e aproximemo-nos o quanto possível do Sacramento do Altar, porque não há maior homenagem que se possa prestar ao Criador, nem melhor maneira de agradecer-Lo, do que recebê-Lo e nutrir-se d’Ele nesse formidável mistério.<sup>18</sup> Igualmente, não há para a Santa Igreja e para o mundo bem maior do que a unidade perfeita de todos os fiéis na Verdade, porta de todas as graças e bênçãos celestes, e princípio da derrota dos poderes infernais.

Que o Santíssimo Sacramento, recebido com fervor e assiduidade, seja o centro de nossas vidas e, o quanto antes, também o Rei efetivo de todos os corações, para a renovação da face da terra. ✚

<sup>1</sup> SÃO JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*, n.1.

<sup>2</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO. *Decreto sobre a Eucaristia*, c.I: DH 1636.

<sup>3</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Presbyterorum ordinis*, n.5.

<sup>4</sup> CCE 1396.

<sup>5</sup> BENTO XVI. *Sacramentum caritatis*, n.15.

<sup>6</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Comentário al Evangelio según San Juan*. Madrid-Buenos Aires: Edibesa; Agape, 2011, v.VIII, p.209-210.

<sup>7</sup> Cf. SANTO AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de João*. Homilia 26, n.14. São Paulo: Paulus, 2022, v.I, p.611.

<sup>8</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Doctrina Teológica*. Madrid: Rialp, 1962, p.595.

<sup>9</sup> Cf. CCE 1391.

<sup>10</sup> Cf. SÃO PEDRO JULIÃO EYMARD. La Natividad y la Eucaristia. In: *Obras eucarísticas*. 4.ed. Madrid: Eucaristia, 1963, p.165.

<sup>11</sup> Cf. SANTO AGOSTINHO. *Sermón 57*. In: *Obras comple-*

*tas*. Madrid: BAC, 1983, v.X, p.137.

<sup>12</sup> Cf. SÃO JOÃO DE ÁVILA. O homem e Cristo, uma mesma Pessoa, um só Cristo. In: *Sermões do Santíssimo Sacramento*. São Paulo: Molokai, 2018, p.424; 442.

<sup>13</sup> SÃO PEDRO JULIÃO EYMARD. La Comunió: Sacramento de unidat. In: *Obras eucarísticas*, op. cit., p.319.

<sup>14</sup> Cf. SÃO JOÃO DE ÁVILA. Incorporados a Cristo, nossas obras são obras também de Cristo. In: *Sermões do San-*

*tíssimo Sacramento*, op. cit., p.215; 218.

<sup>15</sup> SANTO IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. L.IV, c.18, n.5. São Paulo: Paulus, 1995, p.423.

<sup>16</sup> SANTO AGOSTINHO, *Comentário ao Evangelho de João*, op. cit., n.13, p.610-611.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p.610.

<sup>18</sup> Cf. FABER, Frederick William. *O Santíssimo Sacramento. As obras e os caminhos de Deus*. São Paulo: Cultor de Livros, 2020, p.463.

## “O Mestre está aí e te chama”

Tanto suspiramos pela felicidade eterna e tanto gememos neste vale de lágrimas. Entretanto, esquecemo-nos do lugar em que os Céus – e o Céu dos Céus, que é Deus – ficaram presos na terra. Esse lugar é o sacrário.

✠ **Diác. Alison Batista de Oliveira, EP**



João Paulo Rodin

Quem não desejaria se ajoelhar junto ao presépio de Belém para adorar a Jesus Menino? Ou ouvir uma pregação do Divino Mestre, receber d’Ele um olhar durante sua passagem por um vilarejo da Galileia, vê-Lo discutindo com os fariseus ou expulsando os vendilhões no Templo? Ou, ainda, estar aos pés de sua Cruz com Maria, sua Mãe?

Enganar-se-ia quem pensasse sermos privados desse convívio inefável. Se conhecêssemos de fato quem Se encontra encerrado nos sacrários de nossas igrejas, exclamaríamos como Jacó: “Em verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia!” (Gn 28, 16).

Sim, Deus está conosco e não sabemos. Ou melhor, esquecemos... Tendo Nosso Senhor prometido que permaneceria conosco todos os dias, até o fim do mundo (cf. Mt 28, 20), cumpriu essa promessa de forma inaudita ao instituir o Santíssimo Sacramento do Altar.

E, se foi com “ardente desejo” (Lc 22, 15) que o Redentor deu-Se como alimento a nós ao instituir a Eucaristia na Última Ceia, não foi sem grande benevolência que preparou uma

surpresa para seus filhos: a adoração à Sagrada Hóstia.

### *Preparando o terreno*

Apesar de tão precioso, esse tesouro esteve praticamente escondido até o século XI, quando surgiu a heresia de Berengário, o qual se levantava contra a realidade do Sacramento do Altar.<sup>1</sup> Principiou então na Cristandade, à guisa de entusiasmada resposta a esse erro, um verdadeiro surto de devoção à Presença Real de Jesus na Eucaristia.

Foi nessa época, por exemplo, que a elevação das espécies consagradas recebeu a devida importância: todos desejavam ver o Pão Divino e o cálice da Nova Aliança naquele momento entre todos sacrossanto.

Em terreno tão bem arado para a devoção eucarística, a Divina Providência suscitou um arauto dessa renovada piedade em torno ao Sacramento do Amor.

### *A mensageira da Eucaristia*

A enviada foi Juliana, nascida nas cercanias de Liège, Bélgica, em 1193. Órfã em tenra idade e acolhida pelas agostinianas de Mont-Cornillon, a me-

nina não apenas floresceu em inteligência e mortificação, mas tornou-se ela mesma um sacrário vivo de amor aos sagrados mistérios.

Por volta de seus dezesseis anos, enquanto mergulhava em contemplação, uma visão enigmática impôs-se ao espírito: a lua, em seu argênteo esplendor, exibía uma pequena fratura escura que cortava o astro em duas partes.

Maravilhada por aquela cena insólita, a imagem retornava com frequência à sua mente durante a oração, chegando ela a pensar que se tratasse de uma tentação. Após anos de provação, finalmente Cristo lhe revelou que “a luz era a presente Igreja, enquanto a fenda na lua simbolizava a falta de uma festa, a qual doravante Ele desejava que seus fiéis sobre a terra celebrassem”.<sup>2</sup>

Em seguida, o Redentor lhe revelou que seria preciso comemorar uma vez por ano a instituição do Sacramento do seu Corpo e Sangue de modo mais solene que na Quinta-Feira Santa, quando a Igreja se recolhe para lembrar o lava-pés e se prepara para a Paixão.<sup>3</sup>

Santa Juliana resistiu por mais de vinte anos à missão divina de promover

a instituição da festa dedicada à Eucaristia, movida não por negligência, mas por profunda consciência de sua própria indignidade.

Demonstrando prudência exemplar e evitando qualquer precipitação, a monja buscou o discernimento da Igreja antes de dar publicidade às suas visões. Escondida sob os véus do anonimato, confiou aquelas revelações a Dom João de Lausanne, a quem tinha como santo, solicitando que as submetesse ao escrutínio de eminentes teólogos. Dessa maneira, a santa virgem seguiu o modelo apostólico de São João, que submeteu ao conselho dos demais a veracidade do espírito (cf. I Jo 4, 1).

A validação eclesial contou com o parecer favorável de ilustres figuras, entre as quais o então arqui-diácono de Liège, Tiago de Troyes, versado na lei divina e adornado com os méritos da santidade, o qual mais tarde ascenderia ao sólio pontifício como Urbano IV. A convergência de opiniões entre Bispos, doutores da lei e prelados confirmou a inspiração do Paráclito, que não Se contradiz ao falar pela boca de seus servos.<sup>4</sup>

Urbano IV, movido pela memória daquela revelação, bem como pelo milagre de Bolsena, promulgou a Bula *Transiturus de hoc mundo*, instituindo a festa do Corpo e Sangue de Cristo no dia 11 de agosto de 1264. Assim, a harmonia entre a experiência mística de Santa Juliana e o discernimento das autoridades assegurou que a proposta da nova solenidade fosse recebida como doutrina para o bem de toda a Igreja.

A festa de Corpus Christi então se propagou pelo orbe católico e apagou a nódoa que aparecia sobre o rosto luminoso do Corpo Místico de Cristo. Este passava a resplandecer qual hóstia sem ruga nem mancha.

### **O Céu prisioneiro na terra**

Em nossos dias, passados quase oito séculos de tais acontecimentos, como está o fervor pelo Santíssimo Sacramento?

É bem verdade que a maioria dos templos, esparsos aos milhares pelos vales, ilhas, montes, cantos e recantos da terra, abrigam em seu interior Aquele que o universo não pode conter. Mas quantas são as almas que consciente-



Reprodução

#### **A harmonia entre a experiência mística de Santa Juliana e o discernimento das autoridades assegurou que a proposta da nova solenidade fosse recebida como doutrina para o bem de toda a Igreja**

“Visão de Santa Juliana de Mont-Cornillon”, por Philippe de Champaigne - Instituto de Belas Artes Barber, Birmingham (Inglaterra); na página anterior, sacrário da Capela São Paulo Apóstolo, Ponta Grossa (PR)

mente O buscam? Ele encheu o mundo com sua presença e nós tantas vezes esvaziamos seus santuários com nossa indiferença... São Pedro Julião Eymard, já em sua época, condoía-se da ausência de adoradores de Jesus-Hóstia: “Nosso século está doente porque não se adora”.<sup>5</sup>

O mesmo Jesus que caminhou pela Galileia pregando a Boa-Nova, está pre-

sente, no momento em que o leitor corre os olhos por estas linhas, nos tabernáculos. Ali está Jesus, qual prisioneiro a aguardar ansiosamente a visita de seus amigos para libertá-los do cárcere de seus males. E nós, que tanto suspiramos pela felicidade eterna, que tanto gememos neste vale de lágrimas, esquecemos do lugar em que os Céus – e o Céu dos Céus, que é Deus – ficaram presos na terra. Esse ponto de encontro chama-se sacrário. “A Divina Eucaristia”, continua São Pedro Julião Eymard, “não é o Céu na terra? [...] Portanto, não é no Céu que a alma amante deve buscar Jesus: não é hora nem lugar para isso; mas justamente no Santíssimo Sacramento”.<sup>6</sup>

Batendo à porta de tão augusto Prisioneiro, podemos receber todas as dádivas do Rei do Universo. Assim como quem se coloca sob os raios solares queima-se sem outro esforço que o de permanecer exposto ao sol, assim o adorador do Santíssimo Sacramento, mesmo quieto e silente, é transformado em brasa de turíbulo. Sua face se ilumina, seu olhar torna-se claro, pois Jesus-Hóstia transborda em dons sobre todos aqueles que O visitam, e nem mesmo os que não Lhe falam podem escapar à sua bondade.

Só escapam, com efeito, aqueles que não se expõem à divina luz que emana do ostensório ou do tabernáculo.

### **O sono de Jesus na barca e seu simbolismo**

Um fato inscrito nos Evangelhos (cf. Mt 8, 23-27) exemplifica com uma tempestade a situação destes que, tendo o Senhor tão acessível, deitam tudo a perder.

Jesus navegava numa barca com seus Apóstolos. De repente, os ventos começam a silvar, as nuvens se carregam de negrume e, em pouco tempo,



descarregam-se às torrentes sobre as vagas sobressaltadas do mar. Ai do pobre batel! Estremece e oscila, range e aderna, desgoverna-se. Na popa o Divino Mestre dorme tranquilamente, recostado num travesseiro... Seus discípulos, mais temerosos de despertar o Senhor que de perecer nas ondas, tentam sozinhos salvar a embarcação do naufrágio. Tudo é vão. Já não escorregam no convés, mas nele nadam. Mais de uma vez um ou outro quase cai nas águas revoltas.

Essa embarcação representa nossa alma e a Santa Igreja, que é a Barca de Pedro. Não por força dos navegantes, mas pela do Divino Mestre que nela habita, tal nave deve vencer quaisquer turbilhões que se lhe apresentem. De fato, ondas de perseguição a assolam, as caligens de todos os tempos desabam, ventos de ódio e sibilos caluniosos rasgam os ares. Alguns discípulos escorregam e são tragados por escuros redemoinhos.

Por que, nesses momentos, não recorreremos a Jesus? Por que não buscamos a solução onde ela se encontra? Por que tentamos salvar barcas ameaçadas com nossas próprias forças, sem recorrermos ao Deus forte, que tudo pode solucionar? Ele está sempre à

nossa espera. Alguns minutos de adoração ao Santíssimo Sacramento seriam suficientes para transformar nossas almas e serenar quaisquer tempestades.

A Hóstia Sagrada é como a âncora de nossa alma acabrunhada e da Igreja que milita. Não sem razão sonhou São João Bosco que a Nau de Pedro estava acorrentada à coluna da Eucaristia.

### ***A ordem de Nosso Senhor e a nossa resposta***

Continua a passagem evangélica: “Os discípulos achegaram-se a [Jesus] e O acordaram, dizendo: ‘Senhor, salva-nos, nós perecemos!’” (Mt 8, 25). Ele, “levantando-Se, deu ordens aos ventos e ao mar, e fez-se uma grande calma” (Mt 8, 26).

Bastou procurá-Lo, e uma palavra d’Ele desfez aqueles vagalhões. Os discípulos ficaram admirados: “Quem é este Homem a quem até os ventos e o mar obedecem?” (Mt 8, 27) É o Capitão da Igreja. É Aquele que nos chama quando nos debatemos nas ondas;

é Aquele que, chamado, silencia a tempestade.

“O Mestre está aí e te chama” (Jo 11, 28). Eis o convite que nos é feito continuamente. De dentro dos sacrários ou exposto nos ostensórios, Jesus, que de nada necessita, pede a nossa presença.

E nós, havemos de nos privar de tão augusta companhia? ✠

<sup>1</sup> Cf. DH 690.

<sup>2</sup> THE LIFE OF JULIANA OF CORNILLON. In: MULDER-BAKKER, Anneke B. (Ed.). *Living Saints of the Thirteenth Century*. Turnhout: Brepols, 2011, p.234.

<sup>3</sup> Cf. *ibid.*

<sup>4</sup> Cf. *ibid.*, p.235-238.

<sup>5</sup> O BEM-AVENTURADO PEDRO JULIÃO EYMARD. Rio de Janeiro: Livraria Eucarística, 1953, p.544.

<sup>6</sup> SÃO PEDRO JULIÃO EYMARD. *Escritos espirituais*. Petrópolis: Vozes, 1956, v.II, p.192.



**A Hóstia Sagrada é como a âncora de nossa alma acabrunhada e da Igreja que milita, em face dos ventos do ódio e das ondas da perseguição**

À esquerda, “Cristo na tempestade no Mar da Galileia”, por Rembrandt - Museu Isabella Stewart Gardner, Boston (Estados Unidos); acima, bênção do Santíssimo Sacramento na Basílica Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)



# A Eucaristia previne os pecados futuros?



✠ Pe. Mario Beccar Varela, EP

“É melhor prevenir do que remediar”, reza o provérbio. Seja no campo da medicina, seja no da segurança, considera-se a prevenção como a melhor forma de evitar doenças e incidentes. Qualquer intervenção é sempre mais traumática que as ações prudenciais.

Desde logo, a Divina Providência propiciou a existência de vida neste planeta, dispondo tudo com “medida,

número e peso” (Sb 11, 20). Sendo o homem um “animal social” e dotado de inteligência, também proporcionou a ele viver em comunidade, com vistas ao auxílio mútuo na obtenção de alimentos, habitação, vestuário etc., bem como na defesa de ataques externos.

São Tomás de Aquino (cf. *Suma Teológica*. III, q.79, a.6) argumenta que a Eucaristia, à semelhança do alimento corporal, fortalece nossa alma contra a morte espiritual. De fato, Aquele que providenciou meios superabundantes para a manutenção da vida do corpo nesta terra, não faria o mesmo para evitar a morte da alma?

Um dos efeitos do Sacramento do Altar consiste precisamente na preservação da morte espiritual: “Aqui está o Pão que desce do Céu, para que não morra quem dele comer” (Jo 6, 50). O Aquinate explica essa cogente passagem: “O pecado é como uma morte espiritual da alma. Por isso, alguém é preservado do pecado futuro da maneira semelhante como o corpo é preservado da morte futura” (a.6).

A Eucaristia defende a vida da alma como arma poderosa que repele os ataques do demônio: “É sinal da Paixão de Cristo, pela qual os demônios são derrotados” (a.6).

Ademais, o Doutor Angélico ensina que, assim como o Criador providen-

ciou alimento e remédio na natureza para preservar o corpo da corrupção, assim também quis Ele que a Eucaristia reconfortasse o coração do homem (cf. Sl 103, 15) para evitar as más inclinações que conduzem ao perecimento da alma.

Entretanto, da mesma forma que a eficácia de um remédio depende do estado de saúde do paciente, o “Pão descido do Céu” (Jo 6, 51) diminui a inclinação ao mal na medida das disposições individuais, pois “o homem recebe o efeito deste Sacramento segundo a sua condição” (ad 1). Consequentemente, compete a cada um tirar o maior proveito dessa sublime dádiva!

Adverte ainda São Tomás que, “embora, por sua própria natureza, este Sacramento tenha o poder de preservar o homem do pecado, contudo não lhe tira a possibilidade de pecar” (ad 1). A analogia com os medicamentos corporais torna ainda mais compreensível essa realidade: a utilidade deles diminui na medida da maior ou menor disposição do paciente.

A Comunhão do Corpo e Sangue de Cristo traz, outrossim, o aumento da caridade. Por isso, *ipso facto*, diminui a atração pelo pecado e “confirma diretamente o coração do homem no bem. E assim também o preserva do pecado” (ad 3).

Como o impulso natural de sobrevivência faz-nos amar a vida e rejeitar o que a ameaça, a Eucaristia nos proporciona um desejo de Deus pelo qual aderimos ao bem e rejeitamos o mal. Bem-aventurados aqueles nos quais o “instinto de conservação sobrenatural” é intenso e atuante! ✠

**A Eucaristia preserva da morte espiritual e, como arma poderosa, repele os ataques do demônio**

Sagrado Coração Eucarístico de Jesus - Basílica da Conceição de Nossa Senhora, Madri, ao fundo, Sainte-Chapelle

# Augusto mistério, prefigurado desde o início

Como um solene alvorecer, o sol da Eucaristia insinua-se aos poucos entre as brumas do Antigo Testamento, até configurar-se plenamente como o mais sublime Sacramento.



✦ Nicolle Ouverney Spitz

**A** Bíblia é ainda hoje a obra mais lida e mais divulgada no mundo; contudo, seu sentido mais profundo permanece sempre desconhecido. Sucessivos anos de estudo seriam insuficientes para abarcar toda a sabedoria encerrada naquelas sublimes páginas. E isso por quê? Porque o principal Autor da Escritura Sagrada é o próprio Deus, infinito e eterno, cujos desígnios são inescrutáveis e cujos pensamentos estão tão acima

dos nossos quanto dista o céu da terra (cf. Is 55, 8-9)!

Assim, a superficialidade humana muitas vezes considera corriqueiros determinados fatos bíblicos, como certos antigos costumes judaicos. Sem embargo, eles possuem, à luz da fé, grande valor sobrenatural e simbólico. De fato, as Escrituras podem ser comparadas a uma arca sagrada da qual tiramos “coisas novas e velhas” (Mt 13, 52), e na qual encontramos narrações que se enchem

de sentido quando analisadas à luz da Revelação de Cristo, auxiliando-nos a compreender melhor os tesouros recebidos no seio maternal da Santa Igreja.

O leitor poderá comprovar essa realidade nas linhas sucessivas. Serão recordados episódios diversos da História Sagrada, muitos deles um tanto enigmáticos, mas que adquirem especial significado quando se estabelece correlações com o único e altíssimo dom da fé.

## *Vida e imortalidade encerradas num fruto*

Narrada a obra dos seis dias, o Génesis retrata o momento em que, tendo plantado um jardim no Éden, o Senhor introduziu nele o homem e fez germinar da terra toda sorte de árvores de aspecto agradável e excelentes frutos; colocou também “a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal” (Gn 2, 9).

Em sua sabedoria infinita, o Criador permitiu a Adão comer de todos os frutos do jardim, com exceção dos que brotavam da árvore da ciência do bem e do mal; do contrário, morreria indubitavelmente (cf. Gn 2, 16-17). A Serpente, porém, o mais astuto entre os animais, aproximando-se de Eva sugeriu a ela que provasse do fruto: “Oh, não!



Reprodução

**O sentido mais profundo da Bíblia permanece sempre desconhecido. Sucessivos anos de estudo seriam insuficientes para abarcar toda a sabedoria encerrada naquelas sublimes páginas. E isso por quê?**

Trecho do Livro de Isaías em hebraico, Manuscrito de Qumran - Museu de Israel, Jerusalém

Vós não morrereis. Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal” (Gn 3, 4-5). O resultado já é conhecido: a mulher ce-deu à tentação e, em seguida, o primitivo homem. Pecando de soberba, nossos primeiros pais desobedeceram a Deus e foram expulsos do Paraíso.<sup>1</sup>

Ora, logo após esse lamentável episódio, narra a Escritura que “o Senhor Deus disse: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Agora, pois, cuidemos que ele não estenda a sua mão e tome também do fruto da árvore da vida, e o coma, e viva eternamente” (Gn 3, 22); e designou, então, “Que-rubins armados de uma espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn 3, 24).

Mistério impenetrável! Deus onipotente quis esconder numa simples matéria vegetal o sobre-humano dom da imortalidade. Por que razão o terá feito?

### ***“O Senhor olhou com agrado para sua oblação”***

Ainda no Livro do Gênesis, lê-se que Adão e Eva tiveram inicialmente dois filhos: Caim e Abel, que se tornaram respectivamente lavrador e pastor. Ao apresentarem sacrifícios ao Senhor, o primeiro ofertou frutos da terra, enquanto o segundo, primogênitos de seu rebanho.

“O Senhor, porém, olhou com agrado para Abel e para sua oblação, mas para Caim e seus dons, não olhou” (Gn 4, 4-5). Isso porque, enquanto este apresentava a Deus os restos de sua colheita, seu irmão dedicava-Lhe os melhores animais, não reservando nada para si. Pouco depois, Abel foi morto pela inveja fraterna e recebido nas



### **O principal Autor da Escritura Sagrada é o próprio Deus, cujos desígnios são inescrutáveis**

“Cristo em majestade”, por Giovanni da Milano - Pinacoteca de Brera, Milão (Itália)

moradas eternas como o primeiro de todos os justos; sua alma apresentou-se aos olhos divinos como holocausto, a coroar o sacrifício agradável que acabava de oferecer.

Perfeitíssimo em todas as suas ações, o Criador estabeleceu em seguida um comovente diálogo com Caim. Ele, que não protegera da morte o inocente Abel, marcou o ímpio irmão fraticida com um sinal na fronte, para que ninguém atentasse contra sua vida (cf. Gn 4, 15).

### ***Um sacerdote envolto nas brumas do mistério***

Um pouco mais adiante, nos primórdios da epopeia dos patriarcas, outro fato chama-nos a atenção. Melquisedec, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, surge nas páginas da História Sagrada.

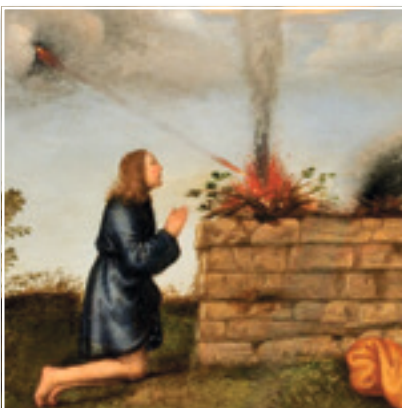
Personagem misterioso, “sem pai, sem mãe, sem genealogia”, cuja vida “não tem começo nem fim” (Hb 7, 3), ele foi introduzido por Deus na vida de Abraão quando este atravessava o Vale de Savé, propriedade do rei de Sodoma, após resgatar Lot das mãos dos reis cananeus. De forma inusual, antes de abençoar o santo patriarca, ele mandou trazer “pão e vinho” (Gn 14, 18).

Ora, naquele tempo, costumava-se ofertar a Deus animais, sacrificados com derramamento de sangue. Melquisedec foi o primeiro a apresentar pão e vinho; a Escritura, porém, cala-se sobre o motivo de tal escolha.

### ***Desafio lancinante, cumprido fielmente***

Pouco depois, a despeito de sua idade avançada e da esterilidade de sua esposa, Abraão teve um filho, fruto da promessa divina de que sua descendência seria numerosa como as estrelas do céu e as areias das praias do mar (cf. Gn 21, 5; 22, 17). O Senhor quis, então, pô-lo à prova: “Toma teu filho único a quem tanto amas, Isaac; e vai à terra de Moriá, onde tu o oferece-rás em holocausto sobre um dos montes que Eu te indicar” (Gn 22, 2).

À primeira vista, o pedido parece por demais ousado, contrário inclusive à lei natural, pela qual um pai jamais faz mal a um filho, mas, antes, tende a dar a própria vida para protegê-lo. Ademais, Isaac era o cumprimento da promessa divina: Abraão não o amava apenas enquanto filho, mas também enquanto dádiva dos Céus, penhor de sua aliança com Deus! O Senhor poderia escolher qualquer outro tipo de prova para testar a fé de seu eleito; entretanto, por razões sapiencialíssimas, quis submetê-lo a esse desafio



Reprodução



Fotos: Francisco Lecaros



Reprodução

lancinante, incompreensível aos olhos humanos.

Fiel à vontade divina, no auge de sua fé e confiança no Altíssimo, o santo ancião subiu ao cume da montanha, edificou um altar, depositou a lenha e amarrou sobre ela seu unigênito; levantou, então, o cutelo, pronto para consumir o holocausto, quando o Anjo do Senhor irrompeu os céus e bradou: “Abraão, Abraão! [...] Não estendas a tua mão contra o menino, e não lhe faças nada. Agora eu sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu próprio filho, teu filho único” (Gn 22, 11-12). E por essa atitude, o primeiro patriarca conquistou a bênção de Deus para si e toda a sua posteridade.

### **Sinal de salvação: o sangue do cordeiro**

Já no Livro do Êxodo, antes da inflicção da décima praga sobre o Egito – a morte dos primogênitos – que obteria, afinal, a permissão do faraó para que o povo partisse de sua terra, o Senhor prescreveu a Moisés e Aarão a celebração da Páscoa, a ser repetida todos os anos como instituição perpétua.

Devia-se imolar um cordeiro por família e, se esta fosse pequena demais para comê-lo, tomá-lo em comum com o vizinho, sem nada deixar para o dia seguinte. O animal, ademais, tinha de ser sem defeito, macho, de um ano. As portas de cada casa seriam aspergidas com o sangue do cordeiro imolado, que serviria como sinal para afastar o Anjo destruidor (cf. Ex 12, 3-13). E assim se fez.

Naquela noite, foram mortos um a um os primogênitos dos egípcios, enquanto permaneciam vivos os dos hebreus, protegidos pelo sangue do cordeiro (cf. Ex 12, 29-30).

### **Sob a forma de figuras simbólicas, as verdades da Fé se revelam progressivamente, assim como os tênues raios do dilúculo anunciam o sol radiante do meio-dia**

De cima para baixo: detalhe de “O sacrifício de Caim e Abel”, por Mariotto Albertinelli - Fogg Museum, Cambridge (Estados Unidos); “O sacrifício de Isaac”, por Frans Francken II - Museu de Santa Cruz, Toledo (Espanha); “Abraão e Melquisedec”, por Marteen de Vos - Museu Soumaya, Cidade do México; “A colheita do maná” - Museu da Cartuxa de Douai (França)

### **Do alto do céu, choveu o pão**

Estando o povo já no deserto rumo à terra prometida, muitos começaram a murmurar contra Moisés e Aarão, dizendo: “Oxalá tivéssemos sido mortos pela mão do Senhor no Egito, quando nos assentávamos diante das panelas de carne e tínhamos pão em abundância! Vós nos conduzistes a este deserto, para matardes de fome toda esta multidão” (Ex 16, 3). Ao que o Senhor respondeu: “Vou fazer chover pão do alto do céu. Sairá o povo e colherá diariamente a porção de cada dia. [...] Ouvi as murmurações dos israelitas. Dize-lhes: esta tarde, antes que escureça, comereis carne e, amanhã de manhã, vos fartareis de pão; e sabereis que sou o Senhor, vosso Deus” (Ex 16, 4.12).

Com efeito, na manhã seguinte os judeus encontraram sobre o chão do deserto uma camada de orvalho que, uma vez evaporado, deixou ver “uma coisa granulosa, miúda como a geadinha sobre a terra” (Ex 16, 14). Como não sabiam do que se tratava, disse-lhes Moisés: “Este é o pão que o Senhor vos manda para comer” (Ex 16, 15).

Os israelitas, então, deram a esse alimento o nome de maná e o comeram durante quarenta anos (cf. Ex 16, 31.35), até que puderam provar dos frutos da terra no país de Canaã (cf. Js 5, 12).

### **As pré-figuras se realizam**

“*Ecce Panis Angelorum* – Eis o Pão dos Anjos”, canta extasiada a Santa Igreja numa das estrofes do hino *Lauda Sion*, composto por São Tomás de Aquino para a Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. Nesse dom inestimável da Eucaristia, cada uma das pré-figuras até aqui consideradas – e ainda outras, que excederiam



### No dom inestimável da Eucaristia, cada uma das pré-figuras encontra seu verdadeiro significado

Missa na Basílica Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

Leandro Souza

os limites de um artigo – encontram seu verdadeiro significado: “É sob a forma de figuras simbólicas, é através da obscuridade intencional dos textos proféticos, que a verdade [sobre a Eucaristia] se revela progressivamente, assim como o sol, antes de aparecer radiante no horizonte, revela-se por meio de clarões, a princípio mal perceptíveis, depois mais acentuados e, por fim, plenamente distinguidos”.<sup>2</sup>

Com efeito, a primeira das figuras, a árvore da vida, explica-se em função do Sacramento do Altar mediante as palavras do Salvador: “Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 54). A Eucaristia é a verdadeira Árvore da Vida, que lançou novamente raízes num paraíso imensamente mais fértil, belo e rico: a Santa Igreja.

Quanto ao *sacrifício de Abel*, agradável a Deus, simboliza a complacência divina com o Sacrifício da Cruz, renovado na Santa Missa, cuja aceitação por parte de Deus a Liturgia roga na Oração Eucarística I, também chamada Cãnon Romano: “Recebei, ó Pai, com olhar benigno, esta oferta, como recebestes os dons do justo Abel”.

Na *imolação de Isaac* encontramos uma clara alusão à imolação que o Padre Eterno fez de seu Divino Filho no Calvário. Ora, o fato de ter sido uma imolação incruenta, realizada por inteiro na intenção, mas não consumada, prefigura mais estreitamente o mistério da Eucaristia, no qual o sacrifício da Cruz é renovado também de modo incruento.

O *sacrifício de Melquisedec*, inspirado pelo Espírito Santo, conteve na oferta do pão e do vinho figuras exatas da matéria da Eucaristia, que realmente alcança as dádivas divinas para quem a recebe com as devidas disposições. Já o *cordeiro pascal* foi figura da substância eucarística, o próprio Cristo, verdadeira vítima que nos libertou, a preço de seu sangue, da escravidão do demônio.

Por fim, o *maná* representa o Sacramento do Altar enquanto Pão dos Anjos, que possui todos os sabores e agrada a todos os paladares (cf. Sb 16, 20-21), ou seja, contém em si a fonte da graça que se adapta a cada alma e sacia a todas com a plenitude dos bens espirituais. É nosso alimento de cada dia, que nos sustenta durante a peregrinação nesta terra de exílio, tal como o maná sustentou os judeus durante a travessia do deserto.

### Jamais negligenciemos tão precioso dom

Se o maná prefigurou a Eucaristia, também a realidade que o cercou nos traz um precioso ponto de reflexão: em determinado momento, os israelitas se fartaram do maná e queixaram-se contra Deus por causa dele (cf. Nm 11); não será, pois, que em nossos dias muitos católicos recebem o Pão da Vida com más disposições, e outros ainda rejeitam esse preciosíssimo sustento sobrenatural dado pelo Pai Celeste, que é o próprio Corpo, Sangue, Alma e Divindade de seu Filho Unigênito?

Roguemos à Virgem Maria, primeira e mais ardorosa devota da Eucaristia, que nos obtenha um amor sincero, fervoroso e crescente a Jesus-Hóstia, e nos livre de O receber com tibieza, negligência ou descuido. ✠

<sup>1</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.163, a.1; ad 1.

<sup>2</sup> DEVAUX, Prosper. *L'Eucharistie à travers les siècles*. Paris: Maison de la Bonne Presse, 1919, p.2. Da mesma obra foram tomadas as explicações sobre cada uma das pré-figuras da Eucaristia comentadas neste artigo.



## Ao resgate de Jesus

Deus Criador tornou-Se prisioneiro, o Todo-Poderoso fez-Se delicado e vulnerável... A que Ele não Se sujeitou por nosso amor? Vós, que O amais, defendei-O e, se preciso, resgatai-O!

✦ Ir. María José Vicmary Feliz Gómez



**H**á certas almas que, sem mérito algum de sua parte, mas simplesmente por um desígnio gratuito da Providência, são cumuladas de dons singulares e carismas extraordinários, cujos efeitos ultrapassam as limitações da natureza de modo tão evidente que é impossível negar sua origem sobrenatural.

Uma dessas almas nasceu na pequena cidade de Cossé-en-Champagne, França, no dia 16 de julho de 1901. Yvonne Beauvais, como se chamava, recebeu de Deus diversos dons místicos, entre eles a bilocação e a glossolalia, com vistas a uma sublime missão que lhe seria confiada pelo amor divino.

### Uma alma de escol

Yvonne teve uma infância comum, marcada desde os três anos de idade por dificuldades financeiras, devido à morte prematura de seu pai. Em 1922, aos vinte e um anos, adoeceu gravemente e foi enviada a um hospital em Malesroit, na Bretanha, cuidado por freiras agostinianas, onde convalesceu durante quase seis meses.

Nesse período deu-se seu despertar para a vida mística e a vocação religiosa. Em 18 de março de 1927, tendo vencido diversos obstáculos, ingressou finalmente no convento agostiniano, assumindo o nome pelo qual se tornou conhecida: Yvonne-Aimée de Jésus.

Devido à grande discrição que Yvonne guardava em relação a seus dons místicos, não se sabe precisar quando se iniciaram suas bilocações. O certo é que a Providência lhe concedeu tal privilégio especialmente com vistas a uma missão: resgatar o Santíssimo Sacramento profanado, pelo mundo afora.

Com efeito, o dom da bilocação – atestado na história dos fenômenos místicos extraordinários desde Santo Ambrósio e Maria de Ágreda até Dom Bosco, Padre Pio e outros contemporâneos – consiste na capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo; mais precisamente de se mostrar ou agir à

distância, permanecendo o corpo físico onde estava no início da bilocação.

Há registros de pelo menos 151 fatos como esse ocorridos com Yvonne,<sup>1</sup> em muitos dos quais ela recuperou Hóstias consagradas das mãos de sacrílegos em diferentes cidades francesas e até mesmo lugares mais remotos, como Alemanha e Inglaterra.

### Primeiras expedições relatadas

Os primeiros registros testemunhados dessas expedições sobrenaturais datam de 1923, portanto antes de seu ingresso em religião. Em 23 de abril desse ano, durante uma estadia em Malestroit, Yvonne confidenciou a uma freira que, durante a madrugada, havia se bilocado até certa residência e tocado a campanha. À senhora que lhe atendeu disse simplesmente ter ido “buscar a Hóstia”. A dona da casa, então, conduziu-a até a sala de estar e entregou-lhe uma partícula consagrada escondida. “Inspirada por Jesus, Yvonne conversou com essa senhora por meia hora e, no dia seguinte, a senhora precisou se confessar”.<sup>2</sup>

Outra vez, Nosso Senhor interpelou Yvonne a buscá-Lo junto a uma mulher que, havia alguns dias, guardava uma Hóstia recebida indignamente durante a Missa. Ela se dirigiu à casa dessa sacrílega e, assim que a encontrou, revelou-lhe o motivo da visita. A mulher empalideceu, surpresa, mas logo entregou sem dificuldade o Santíssimo Sacramento,



Quando ainda muito jovem, deu-se o despertar de Yvonne para a vida mística

A jovem Yvonne Beauvais

sendo em seguida exortada por Yvonne a respeito da gravidade daquela falta e da necessidade de conversão. Afinal, verteu lágrimas de sincero arrependimento.<sup>3</sup>

Mas nem todas as missões eram tão simples... Certa vez, por exemplo, após uma viagem de trem de noventa e três quilômetros, da qual retornou em instantes, de modo miraculoso, Yvonne conseguiu com muita dificuldade cumprir seu objetivo, conforme relata: “Não foi sem dano que pude resgatar a Hóstia ultrajada das mãos dessa pobre alma. Tinha a impressão de ter diante de mim um verdadeiro demônio, tanto sua expressão demonstrava ódio”.<sup>4</sup>

### **Um ímpio, vencido pela graça**

Às vezes, manifestações angélicas acompanhavam suas expedições. Tendo sido misteriosamente transportada a outra cidade, a cento e setenta quilômetros de Malestroit, Yvonne encontrou-se junto a um carro que a aguardava. “Um Anjo o conduzia, sem dúvida”,<sup>5</sup> comentou ela mais tarde. O veículo deixou-a diante de uma casa no subúrbio e desapareceu em seguida.

O homem que atendeu à porta confessou que acreditava na Presença Real de Jesus na Eucaristia e que era o ódio contra Deus que o movia a cometer sacrilégios. Ele pretendia levar Hóstias consagradas a locais de profanação em Paris; e zombou de Yvonne ao ouvir suas admoestações. Estava, como notou ela, possuído por um demônio. Com firmeza, a religiosa exigiu que o profanador indicasse o esconderijo das Hóstias, ao que ele obedeceu a contragosto.

— Isso nunca me trouxe azar — ponderou ele.

— Pode acontecer em breve — respondeu-lhe Yvonne.

Depois de tomar as partículas, a agostiniana sentiu Jesus falar através dela e ordenou:

— Ponha-se de joelhos e faça o ato de contrição!

Obrigado pela graça, o desgraçado ajoelhou-se, rezou... e começou a soluçar. Jesus vencera-o.

### **“Eu vim da França só para buscá-la”**

Em algumas ocasiões, ainda antes de entrar para o convento, Yvonne dispôs do dom da glossolalia, que consiste na capacidade de falar línguas desconhecidas, para salvar o Sagrado Corpo de Jesus.

Estando certa noite deitada com febre alta, viu-se transportada para uma residência na Alemanha. Tocou a campainha e em alemão — idioma que ignorava — perguntou pela dona da casa, sem saber ainda qual era a vontade de Jesus com a visita. As palavras lhe vieram aos lábios no momento justo.<sup>6</sup>

— Vim buscar a Hóstia que a senhora guarda em casa. O próprio Jesus me contou e vim da França só para buscá-la.

Para verificar se ela dizia mesmo a verdade, a mulher falou-lhe em francês. Yvonne respondeu com naturalidade, deixando-a muda de espanto. Depois de se recompor, ela pediu à jovem mística que se retirasse, mas esta foi mais rápida: avisada por Nosso Senhor de que a partícula consagrada se encontrava numa estante de vidro, dentro de uma pequena caixa, correu para resgatá-la.

Percebendo ter sido descoberta, a mulher precipitou-se para apanhar a chave da estante, mas esta voou até as mãos de Yvonne, que recuperou a Hóstia e apertou-a contra o peito. Fugindo dos ataques da profanadora, ela correu para fora da casa e pôs-se a caminhar pelas ruas, até que perdeu a consciência e encontrou-se de novo em sua cama, profundamente adormecida.

### **Um sacerdote sacrílego**

Além desses comoventes resgates, a Providência também confiou a Yvonne outras missões, com vistas ao benefício de certas almas.

Conta Madre Madeleine, superiora do convento de Malestroit: “Assistimos na cela de Yvonne à morte de um mau sacerdote”.<sup>7</sup> A bilocação, porém, tinha uma peculiaridade: a religiosa fora transportada a Paris, para junto do moribundo, e este parecia estar em seu corpo e falava pelos lábios dela. Madre Madeleine,



Reprodução

### **Para a defesa do Santíssimo Sacramento, Yvonne receberia inúmeros dons sobrenaturais**

Yvonne-Aimée de Jésus

viendo assim os gestos do padre e escutando suas palavras, pôde acompanhar o que ocorria na capital francesa.

Yvonne já conhecia esse sacerdote, pois em outras circunstâncias tinha resgatado Hóstias que o desgraçado consagrava em Missas negras havia nove anos. Para evitar o resgate, o sacrílego já tentara até mesmo matá-la!... Desta vez, porém, ela fora enviada para evitar sua condenação eterna.

Angustiado, o moribundo tartamudeava: “Sou um criminoso... Consagrei para profanar durante nove anos... Oh, aquelas Missas negras!... Para debochar dos outros... Que sacrilégio!” Yvonne inspirava-lhe palavras de misericórdia, mas ele afirmava odiar a Deus e escusava-se, garantindo não haver padre por perto para ouvi-lo em Confissão, pois morreria em poucos minutos. A jovem mística continuou tentando acalmá-lo, falando-lhe da clemência infinita de Deus, capaz de perdoar quaisquer pecados mediante sincero arrependimento



**Naquele instante, Yvonne e seu confessor puderam ver a Hóstia que sangrava pousar sobre um galho de carvalho, e registraram o acontecimento por fotografia**

Fotografias tiradas por Yvonne no instante em que a Hóstia pousou sobre o carvalho, nas mãos do Pe. Paul e no oratório, aos pés de Nossa Senhora

e propósito de emenda. A luta foi dura e parecia que o miserável sucumbiria à tentação do desespero e da impenitência final quando, no último instante, logrou balbuciar: “Perdão, meu Deus!” Em seguida, expirou.

Yvonne, então, voltou a si. Passados poucos minutos, teve um êxtase e viu o sacerdote ardendo nas chamas do Purgatório.

**“O Céu visitou a terra”**

Um dos fatos mais impressionantes ocorridos na vida de Yvonne deu-se em 16 de setembro de 1941.<sup>8</sup> Encontrava-se ela em La Brardière, na casa de familiares do Pe. Paul Labutte, seu confessor, em companhia dele. Ambos se distraíram tirando fotografias pelo jardim e depois se separaram. De repente, a religiosa soltou uma exclamação de dor.

Pe. Paul correu sem demora e a ouviu dizer: “Oh! A Hóstia! Estão profanando-a! Estão perfurando-a com um estilete! Oh! Está sangrando!” Tratava-se de um sacrilégio perpetrado em Paris. Yvonne então dirigiu-se ao seu

Anjo da Guarda, a quem chamava de *Lumen*, e lhe disse: “Essa Hóstia, eu a quero... Lumen, vá buscar Jesus!”

Naquele instante, narra o Pe. Paul, os dois viram algo branco passando pelo topo de um grande carvalho: tratava-se de uma Hóstia carregada por um raio de luz, descendo suavemente em direção a um pinheiro jovem. Correram e encontraram a Hóstia num galho um pouco abaixo do topo da árvore, ao alcance da mão. Era pequena como as que são distribuídas aos fiéis, e estava perfurada no meio, local de onde escorria um pouco de sangue. Após alguns minutos de silêncio e adoração, Yvonne-Aimée buscou a câmera e fotografou a Hóstia. Em seguida a depositou sobre uma folha verde, segurada pelo Pe. Paul à maneira de corporal, sobre a qual a Hóstia permaneceu em pé... Isto foi registrado numa segunda fotografia.

Finalmente, a partícula foi levada para uma cabana rústica que servia de oratório, e posta aos pés de uma imagem de Nossa Senhora.<sup>9</sup> Em algum momento, as velas ao redor da imagem acenderam-

-se sem concurso humano. E pouco depois Yvonne e o Pe. Paul viram aparecer, letra por letra, sobre a porta da cabana, uma inscrição misteriosa: “O Céu visitou a terra”, o que também foi fotografado.

**Paguemos amor com amor!**

A vida de Yvonne-Aimée, marcada por inúmeros fenômenos místicos e especialmente devotada ao Santíssimo Sacramento, está repleta de outros fatos belíssimos que não caberiam na brevidade deste artigo.

Os poucos que acabamos de meditar, entretanto, mostram-nos bem a imensidade do amor de Nosso Senhor Jesus Cristo por nós. Nem o conhecimento dos horrores que se cometeriam ao longo da História contra o Sacramento do Altar foram capazes de dissuadi-Lo da determinação de permanecer conosco até o fim do mundo, nas Sagradas Espécies!

Paguemos, pois, amor com amor. Que nossa gratidão sem limites e nosso amor em labaredas repare as friezas, indiferenças e ultrajes cometidos contra o Santíssimo Sacramento. ✠

<sup>1</sup> Cf. LAURENTIN, René; MAHÉO, Patrick. *Bilocatons de Mère Yvonne-Aimée. Étude critique en référence à ses missions*. 2.ed. Paris: François-Xavier de Guibert, 2010, p.9.

<sup>2</sup> Ibid., p.14.

<sup>3</sup> Cf. LABUTTE, Paul. *Yvonne-Aimée. “Ma mère selon l’Esprit”*. 2.ed. Paris: François-Xavier de Guibert, 1997, p.204-205.

<sup>4</sup> LAURENTIN, René. *Biographie d’Yvonne-Aimée de Ma-*

*lestroit (1901-1951)*. 3.ed. Paris: François-Xavier de Guibert, 2010, v.II, p.141.

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> Cf. LAURENTIN; MAHÉO, op. cit., p.15-16.

<sup>7</sup> Ibid., p.25.

<sup>8</sup> Cf. LABUTTE, op. cit., p.538-540.

<sup>9</sup> Tratava-se de uma réplica contemporânea da Virgem do Sorriso, de Santa Teresinha do Menino Jesus.



# Como honrar a Sagrada Eucaristia?

## CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§ 1387 A fim de se prepararem convenientemente para receber este Sacramento, os fiéis observarão o jejum prescrito em sua Igreja. A atitude corporal (gestos, roupa) há de traduzir o respeito, a solenidade, a alegria deste momento em que Cristo se torna nosso hóspede.

**E**sse parágrafo do *Catecismo* exorta-nos a nos prepararmos adequadamente para a recepção da Sagrada Eucaristia, destacando três importantes aspectos.

Em primeiro lugar, como recorda Pio XII na Constituição apostólica *Christus Dominus*, era costume desde o século IV distribuir a Sagrada Comunhão aos fiéis em jejum. Os Concílios de Hipona, de 393, e o III Concílio de Cartago, de 397, já estipulavam ser preciso abster-se de todo alimento por certo período antes da Celebração Eucarística.

Devido às mudanças na sociedade contemporânea, em 1953 o mesmo Papa reduziu o tempo de jejum tradicional para a recepção da Eucaristia, que começava à meia-noite, para três horas em determinadas circunstâncias. Posteriormente, em 1964, Paulo VI<sup>1</sup> prescreveu a regra de uma hora de jejum em preparação para receber a Sagrada Comunhão, com exceção do consumo de água e remédios, como se mantém em nossos dias.<sup>2</sup> Os sacerdotes que celebram duas ou três Missas num mesmo dia, podem tomar alimento entre elas; os anciãos, enfermos e seus cuidadores estão dispensados do jejum.<sup>3</sup>

Tais mitigações objetivavam facilitar a participação dos fiéis no Sagrado Banquete, especialmente nas Missas vespertinas. Desse modo, manteve-se inalterável o caráter didático da práxis.



Thiago Terrera

### À semelhança de Maria, devemos nos aproximar da Comunhão com amor, piedade e devoção

Comunhão durante a Santa Missa na Capela Nossa Senhora do Pilar, Ubatuba (SP)

Com efeito, trata-se de uma disposição disciplinar que visa dispor o corpo e a mente para a recepção do Pão dos Anjos.

Em segundo lugar, o artigo aponta para certa “atitude corporal”, a fim de significar que os fiéis precisam se apresentar e se comportar durante os ritos eucarísticos em conformidade com a magnificência do ato. O vestuário decoroso e honesto, o sagrado silêncio e as genuflexões não são gestos vãos e práticas inúteis impostas arbitrariamente pela Igreja. Pelo contrário, trata-se de expressões de piedade, reverência e louvor que predisõem os fiéis a uma participação ativa no Sacramento do Altar.<sup>4</sup>

De fato, São Tomás de Aquino<sup>5</sup> observa que o culto de *latría* exige atos externos. Por meio dessas expressões, damos graças a Cristo Sacramentado e reconhecemos que Ele, oferecendo-se nas Sagradas Espécies, manifesta-nos um amor infinito.

A expressão “Cristo Se torna nosso hóspede” evidencia o vínculo de divina intimidade estabelecido com nosso Redentor. Ora, a fim de que essa “hospedagem” no templo de nossas almas produza verdadeira alegria espiritual, faz-se necessário que estejamos na amizade com Deus, isto é, livres de todo pecado mortal, como de modo veemente exorta São Paulo (cf. I Cor 11, 27-29).

Roguemos, pois, a Maria Santíssima, cujo seio formou o próprio Corpo e Sangue de Cristo, que sempre nos obtenha a graça de receber o seu diletíssimo Filho na Eucaristia com as mesmas disposições de amor, piedade e devoção de seu Imaculado Coração. ✠

<sup>1</sup> Cf. SÃO PAULO VI. *Tempus eucharistici ieiunii servandi reducitur*: AAS 57 (1965), 186.

<sup>2</sup> Cf. CIC, cân. 919 § 1.

<sup>3</sup> Cf. *ibid.*, § 2-3.

<sup>4</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum concilium*, n.30.

<sup>5</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.81, a.7.



## “Outros Cristos”

Não há Eucaristia sem sacerdócio, nem verdadeiro sacerdócio sem Eucaristia, pois não há sacrifício sem quem o possa oferecer, nem oferente sem vítima imolada.



✠ Pe. Carlos Javier Werner Benjumea, EP

**A**s Sagradas Escrituras nos apresentam Jesus Cristo como o Sumo Sacerdote da Nova e Eterna Aliança, estabelecida por Deus por meio de seu Preciosíssimo Sangue derramado na Cruz. A Epístola aos Hebreus o afirma categoricamente; o Apocalipse o representa em linguagem profética, usando figuras simbólicas; outros escritos do Novo Testamento o manifestam relatando os fatos mais destacados da vida de Nosso Senhor, sobretudo ao narrar sua “Hora” ou sua

“Páscoa”, isto é, sua passagem deste mundo para o Pai.

### *Sacerdote perfeito e Vítima imaculada*

A Carta aos Hebreus declara que Cristo é “Sumo Sacerdote misericordioso e fiel” (2, 17), que expia os pecados do mundo. E comparando seu sacerdócio com o do Antigo Testamento, atesta que Ele “atravessou o Céu” (4, 14), onde permanece por possuir um sacerdócio eterno, apto, portanto, a

salvar definitivamente aqueles que por seu intermédio se aproximam de Deus, pois está sempre vivo para interceder por eles (cf. Hb 7, 24-25).

Jesus é, em síntese, o Sumo Sacerdote “santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores e elevado acima do Céu. Ele não precisa oferecer sacrifícios a cada dia, como os sumos sacerdotes [da Antiga Lei], porque já o fez uma vez por todas, oferecendo-Se a Si mesmo” (Hb 7, 26-27).

Portanto, os cristãos gozam do favor de um Sumo Sacerdote “que sentou-Se à direita do trono da Majestade nos Céus e é ministro do Santuário e da Tenda verdadeira, construída pelo Senhor e não por algum homem” (Hb 8, 1-2). Nela apresenta não o sangue de bodes ou de bezerros, mas sim o seu próprio Sangue, cujo poder santificador é incalculável (cf. Hb 9, 13-14).

Donde se conclui que Nosso Senhor levou à perfeição seu sacerdócio, oferecendo um sacrifício de infinito valor ao entregar-Se à morte, e morte de Cruz (cf. Fl 2, 8). Ele próprio foi a Vítima de seu sacerdócio! O ofício sacerdotal alcançou assim um auge insuperável, pois não pode existir um sacerdote mais santo, nem vítima mais agradável, tampouco sacrifício mais eficaz.

Desse novo sacerdócio, sublime e eterno, quis Cristo, em sua inefável benignidade, que participassem alguns de

**Na Última Ceia, o Sumo Sacerdote Eterno fez o oferecimento de Si mesmo de forma sacramental, instituindo a forma litúrgica de seu sacrifício e de sua presença: a Sagrada Eucaristia**

“Última Ceia” - Ayacucho (Peru)



seus discípulos escolhidos para serem seus ministros, de geração em geração, até a consumação dos séculos. Ora, em que consiste essa participação?

### **A liturgia do Calvário**

Os antigos sacerdotes realizavam sacrifícios rituais, símbolos do futuro sacrifício do Redentor, representado, sobretudo, pelo cordeiro imolado por ocasião da Páscoa judaica. Nosso Senhor, de forma diversa, quis oferecer-Se a Si mesmo, elevado no madeiro da Cruz sobre o monte chamado Gólgota, nos arredores da cidade de Jerusalém.

Foi esse um sacrifício cruento e real, até hoje testemunhado pelos vestígios no Santo Sudário de Turim, o qual registra de modo incontestável as feridas dos cravos, as chagas da flagelação e as marcas da coroação de espinhos. Além disso, Jesus não se descuidou do aspecto ritual e quis que seu sacrifício constituísse uma sagrada liturgia.

Na Última Ceia, antecipando seu martírio, o Sumo Sacerdote Eterno fez o oferecimento de Si mesmo de forma sacramental, transubstanciando o pão em sua Carne e o vinho em seu Sangue. Instituiu assim a forma litúrgica de seu sacrifício e de sua presença: a Sagrada Eucaristia.

É impossível conceber dom maior! Trata-se de algo tão admirável que se torna difícil assimilá-lo. Ele nos legou seu sacrifício com tanta propriedade que o sacerdote reza em cada Missa: “Orai, irmãos e irmãs, para que o meu e vosso sacrifício...” Sim, a oblação de Jesus sobre a Cruz é “nossa”. O que mais se pode desejar ou imaginar?

Ao mesmo tempo, deixou-nos Ele sua presença real e substancial, outro dom de valor infinito. A promessa de

sua permanência entre os homens até o fim dos tempos se cumpre em cada tabernáculo. Ali está Jesus! Ali está seu sacratíssimo Coração palpitando de amor por cada homem!

### **Origem do sacerdócio católico**

Juntamente com a Sagrada Eucaristia, foi instituído o sacerdócio da Nova

da Santa Missa, renovar sobre os altares o holocausto de Cristo, oferecendo o Pão divino e o Sangue precioso como oblação de suave odor ao Pai, e sacrifício de comunhão pelos fiéis que O recebem como alimento e bebida espirituais.

Pode-se, portanto, afirmar com segurança que não há Eucaristia sem sacer-

dócio nem verdadeiro sacerdócio sem Eucaristia, visto que não há sacrifício sem alguém que o possa oferecer, nem oferente sem vítima imolada.

Por esse motivo, São João Paulo II, na Carta apostólica *Dominicae Cenae*, recorda aos sacerdotes: “O sacerdócio ministerial ou hierárquico [...] [está] em relação muito íntima com a Eucaristia. Esta é a principal e central razão de ser do Sacramento do Sacerdócio, que nasceu efetivamente no momento da instituição da Eucaristia e juntamente com ela. [...] Mediante nossa ordenação – cuja celebração anda vinculada à Santa Missa, como consta desde o primeiro testemunho litúrgico – nós estamos unidos de modo singular e excepcional à Eucaristia. Somos aquilo que somos, de certo modo, ‘a partir dela’ e ‘para ela’. Somos também, e de um modo particular, responsáveis ‘por ela’ – quer todos e

cada um dos sacerdotes nas próprias comunidades, quer todos e cada um dos Bispos”.<sup>1</sup>

Portanto, cada sacerdote recebe o imenso dom de atuar na Pessoa de Cristo, fazendo suas vezes e participando de seu poder, a fim de renovar seu único sacrifício para benefício de toda a Igreja. Fruto dessa renovação é Cristo realmente presente na Eucaristia, ado-



**O sacerdote recebe o imenso dom de atuar na Pessoa de Cristo, fazendo suas vezes e participando de seu poder, a fim de renovar seu único sacrifício para benefício de toda a Igreja**

Celebração Eucarística na Basílica Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

Aliança: “Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22, 19). Nosso Senhor quis deixar-nos seu Corpo e seu Sangue como sacrifício, como alimento e como presença, e para isso tornou partícipes de seu sacerdócio alguns de seus discípulos, encarregados por Ele de celebrar de forma sacramental a sagrada liturgia da Cruz.

Nasceu assim o sacerdócio católico, ornado com o poder de, pela celebração

Leandro Souza

rado pelos cristãos nos tabernáculos de todo o mundo.

### **Chamados à plena identificação com Cristo**

O sacerdócio é uma vocação excelsa, concedida gratuitamente, não em vista dos méritos ou das capacidades humanas, mas da misericordiosa eleição de Deus. Cada sacerdote é fruto da vontade do Pai, ao qual os fiéis imploram que envie novos trabalhadores para sua vinha (cf. Mt 20, 1-16).

É necessário tomar isso seriamente em consideração, seja da parte dos fiéis – que devem ver no sacerdote esse chamado e respeitá-lo com veneração –, seja da parte dos próprios sacerdotes, aos quais compete em primeiro lugar estar compenetrados de sua vocação, deixando-se transformar interiormente pelo que ela significa, a saber, a predileção de Deus e a responsabilidade tão alta de que deverão prestar contas diante d’Ele e da Igreja.

Por essa razão se exige do sacerdote ordenado uma santidade extraordinária, à altura do dom recebido, como ensina Pio XI: “O sacrifício eucarístico, no qual se imola a Vítima imaculada que tira os pecados do mundo, exige muito particularmente do sacerdote uma vida santa e sem mácula, pela qual se torne o menos indigno possível perante o Senhor, a quem oferece cada dia aquela Vítima adorável, nada menos do que o próprio Verbo de Deus feito Homem por amor a nós. ‘Prestai atenção no que fazeis, imitai o que tendes em mãos’, diz a Igreja aos diáconos, pela boca do Bispo, quando vão ser ordenados sacerdotes”.<sup>2</sup>

O mesmo Pontífice conclui que, pelo fato de ser um instrumento de nosso Redentor, o sacerdote está chamado a uma plena identificação com Cristo; afirma inclusive que ele deve ser “outro Cristo”.<sup>3</sup>

Também São Pio X – ao recomendar aos sacerdotes a prática da medi-

Cristo, capazes de exercer seu ministério a partir de uma relação viva com Ele, nutrida pela Eucaristia e manifestada numa caridade pastoral marcada pelo dom sincero de si. Não se trata de inventar novos modelos nem de redefinir a identidade que recebemos, mas de voltar a propor, com renovada intensidade, o sacerdócio em seu núcleo mais autêntico – ser *alter Christus* –, deixando que Ele configure nossa vida, unifique nosso coração e dê forma a um ministério vivido a partir da intimidade com Deus, da entrega fiel à Igreja e do serviço concreto às pessoas que nos foram confiadas”.<sup>5</sup>

### **O que se exige do sacerdote?**

Chamado a ser “*alter Christus*” cabe ao sacerdote imitar o exemplo e as virtudes do Senhor Jesus, sobretudo nas disposições interiores ao celebrar a Santa Missa, conforme ensina São Pio X: “Como seus ministros no augusto sacrifício que, com eterno prodígio, renova-se para a vida do mundo, devemos ter a mesma disposição de ânimo com a qual Ele, no altar da Cruz, Se ofereceu a Deus como hóstia imaculada. Pois, antigamente – quando não existia mais do que uma sombra e uma figura do verdadeiro sacrifício – se exigia dos ministros sagrados tanta santidade, como não será justo exigí-la agora que a vítima é Cristo?”<sup>6</sup>

Eis aqui a grande responsabilidade do clero: por meio de uma vida espiritual séria, intensa e vigilante, empenhar-se em fazer crescer a graça sacramental recebida no dia da ordenação. Essa graça convida e ao mesmo tempo favorece a concessão de auxílios sobrenaturais contínuos para que o sacerdote imite a caridade que inflamou o Divino Coração



**Os ministros ordenados devem, pois, unir seus corações a Maria Santíssima, a fim de serem, graças à sua infalível intercessão, um só sacerdote e uma só vítima com Jesus**

Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento – Igreja de São Cláudio e Santo André dos Borguinhões, Roma

tação diária para perseverar no casto amor ao Senhor e progredir nas vias da santificação – assinala como tema primordial a ser considerado pelos presbíteros o de terem sempre presente, noite e dia, a singular graça da vocação sacerdotal, o chamado a ser “outro Cristo”.<sup>4</sup>

Recentemente o Papa Leão XIV recordou esse mesmo princípio, dirigindo-se ao clero de Madri: “[Os sacerdotes são] varões configurados com

# HOMEM DE ORAÇÃO E DE AUTÊNTICA PAIXÃO PELA EUCARISTIA

**S**e uma parte essencial da ação evangelizadora da Igreja consiste em ensinar aos homens a rezar ao Pai por Cristo no Espírito Santo, a nova evangelização implica o retorno e o fortalecimento de práticas pastorais que manifestem a fé na Presença Real do Senhor sob as espécies eucarísticas. “O presbítero tem a missão de promover o culto da Presença Eucarística, também fora da celebração da Missa, esforçando-se por fazer da sua igreja uma ‘casa de oração’ cristã” (São João Paulo II. *Audiência geral*, 12/5/1993).

É necessário, antes de tudo, que os fiéis conheçam em profundidade as condições imprescindíveis para receber com fruto a Comunhão. Do mesmo modo, é importante favorecer a devoção deles por Cristo, que os espera amorosamente no tabernáculo. Um modo simples e eficaz de se fazer catequese eucarística é o próprio cuidado material com tudo aquilo que se

refere à igreja e, em particular, ao altar e ao tabernáculo: limpeza e decoro, dignidade dos paramentos e dos vasos sagrados, atenção na celebração das cerimônias litúrgicas, prática fiel da genuflexão etc.

Além disso, é particularmente importante assegurar um ambiente recolhido na capela do Santíssimo, tradição plurissecular na Igreja, de maneira a garantir o silêncio sagrado, que facilita o colóquio amoroso com o Senhor. Essa capela, ou, em todo caso, o lugar onde se conserva e se adora Cristo Sacramentado, é certamente o coração dos nossos edifícios sagrados, e como tal devemos procurar tê-lo em evidência e facilitar o seu acesso diário durante o espaço de tempo o mais largo possível, de adorná-lo na maneira devida, com amor.

É evidente que todas estas manifestações – que não pertencem a formas de vago “espiritualismo”, mas revelam uma devoção teológi-

camente bem fundada – serão possíveis somente se o sacerdote for realmente um homem de oração e de autêntica paixão pela Eucaristia.

Somente o pastor que reza saberá ensinar a rezar, enquanto saberá também atrair a graça de Deus sobre aqueles que dependem do seu ministério pastoral, de maneira a favorecer conversões, propósitos de vida mais fervorosa, vocações sacerdotais e de consagração especial. Em definitivo, somente o sacerdote que experimenta diariamente a *conversatio in caelis*, que faz da amizade com Cristo a vida da sua vida, estará em condições de imprimir um impulso real a uma autêntica e renovada evangelização. ✚

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero, mestre da palavra, ministro dos Sacramentos e guia da comunidade, em vista do terceiro milênio*, 19/3/1999, c.III, n.2.

de Cristo, Sacerdote e Vítima, entregue ao martírio sacrossanto do Calvário, por amor ao Pai e aos homens.

Para obter tal graça, devem os sacerdotes fixar os olhos no exemplo da Santíssima Virgem Maria, cuja singular, máxima e eficaz participação no sacerdócio de Cristo foi enaltecida pelo Magistério Pontifício. Como en-

sina Pio XII, foi Ela, “isenta de toda mancha original ou atual, e sempre intimamente unida com seu Filho, que, como outra Eva, juntamente com o holocausto dos seus direitos maternos e do seu materno amor, O ofereceu no Gólgota ao Eterno Pai por todos os filhos de Adão, manchados pela sua queda miseranda”.<sup>7</sup>

Os ministros ordenados devem, pois, unir seus corações a Maria Santíssima, a fim de serem, graças à sua infalível intercessão, um só sacerdote e uma só vítima com Jesus, podendo afinal exclamar com São Paulo: “Estou crucificado com Cristo; vivo, mas não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 19-20). ✚

<sup>1</sup> SÃO JOÃO PAULO II. *Dominica Cenae*, n.2.

<sup>2</sup> Ibid., n.30.

<sup>3</sup> PIO XI. *Ad catholici sacerdotii*, n.28.

<sup>4</sup> SÃO PIO X. *Hærent animo*, n.21.

<sup>5</sup> LEÃO XIV. *Carta ao presbítero da Arquidiocese de Madri*, 28/1/2026.

<sup>6</sup> SÃO PIO X, op. cit., n.4.

<sup>7</sup> PIO XII. *Mystici Corporis Christi*, n.106.

## “*Digitus Dei hic est*”

No dia 11 de abril, trinta e um acólitos da Sociedade Clerical de Vida Apostólica de Direito Pontifício Virgo Flos Carmeli foram ordenados diáconos por Dom Fernando José Monteiro Guimarães, CSsR, Arcebispo Emérito do Ordinariato Militar do Brasil, durante uma solene Eucaristia celebrada na Basílica Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras (SP).

Na homilia, Dom Guimarães recordou: “Há mais de vinte anos, no dia 15 de junho de 2005, na Basílica do Carmo, em São Paulo, foram ordenados os primeiros sacerdotes Arautos do Evangelho, entre eles o saudoso fundador, Mons. João Clá, de veneranda memória. [...] Foi o início de uma série ininterrupta, ao longo dos anos, de ordenações diaconais e sacerdotais, com as quais a Providência Divina enriquecia a

família dos Arautos do Evangelho, possibilitando uma fervorosa e autêntica nova evangelização, não somente no Brasil, mas também em muitos países do mundo”.

Ressaltando a providencialidade da ordenação dos novos ministros, acrescentou: “Fidelidade ao que a Igreja propunha como ideal para a formação sacerdotal, extremo cuidado com a formação intelectual e teológica de seus seminaristas, sólida vivência espiritual e vivo empenho apostólico dos futuros diáconos e presbíteros foram, durante os anos seguintes, o empenho da Sociedade Clerical Virgo Flos Carmeli, oferecendo à Igreja levas sucessivas de diáconos e presbíteros segundo o Coração de Cristo. *Digitus Dei hic est*” – o dedo de Deus está aqui.



Sergio Céspedes



Stephen Nami

**Súplica pelos candidatos** – Após a homilia, os ordenandos fizeram publicamente o compromisso de assumir o celibato e prometeram obediência ao Bispo Diocesano e a seu superior religioso. Estando eles prostrados por terra, toda a assembleia entoou a Ladainha de Todos os Santos, rogando para eles o auxílio do Céu.



Leandro Souza



Stephen Nami



Sergio Céspedes

**“Enviai sobre eles, Senhor, o Espírito Santo”** – Através da imposição das mãos e da oração de ordenação, Dom Guimarães conferiu o primeiro grau do Sacramento da Ordem aos trinta e um eleitos para o diaconado. Nesta prece, o ordenante roga ao Divino Paráclito que os fortaleça com os sete dons de sua graça.



Fotos: Stephen Nami

**Vestição e entrega do Livro dos Santos Evangelhos** – Os novos diáconos foram então revestidos, por seus irmãos presbíteros, com a estola sobre o ombro esquerdo e a dalmática, paramentos que representam o caráter de ministros sagrados. Já com as vestes diaconais, cada um recebeu das mãos do Arcebispo ordenante o Livro dos Santos Evangelhos, símbolo do dever de serem corajosos arautos da Palavra de Deus.



Leandro Souza

Fotos: Stephen Nami

**Admitidos na ordem clerical, para servir** – O rito de ordenação se encerrou com o abraço da paz, dado aos neodiáconos pelo Arcebispo ordenante e demais diáconos presentes à cerimônia. A Santa Missa prosseguiu com grande solenidade, estando já os recém-ordenados no serviço do altar.



Stephen Nami



David Ayusso

## Configurados com Cristo

A Santa Igreja se alegrou, no dia 12 de abril, com a ordenação de vinte e seis presbíteros da Sociedade Clerical de Vida Apostólica de Direito Pontifício Virgo Flos Carmeli, na Basílica Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras (SP).

A solene Eucaristia, concelebrada por noventa e dois sacerdotes, foi presidida pelo Cardeal Raymundo Damasceno Assis, Arcebispo Emérito de Aparecida, e contou com a presença de diversas autoridades eclesiais e civis, entre as quais: Dr. Tarcísio Gomes de Freitas, governador do Estado de São Paulo; Dr. Ricardo Luís Reis Nunes, prefeito da cidade de São Paulo; Dr. Tirso de Sales Meirelles, presidente

da FAESP/SENAR; Deputado André do Prado, presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo; Deputado Antonio Assunção de Olim; Deputado Gil Diniz; Deputado Lucas Bove; Deputado Thiago Auricchio; Dr. José Renato Nalini – representando o presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, o Desembargador Francisco Eduardo Loureiro –, além de vários outros desembargadores do mesmo tribunal; Desembargador Paulo Adib Casseb, do Tribunal de Justiça Militar do Estado de São Paulo; Dra. Ângela Gandra, secretária municipal de Relações Internacionais de São Paulo, representando o Dr. Ives Gandra Martins.



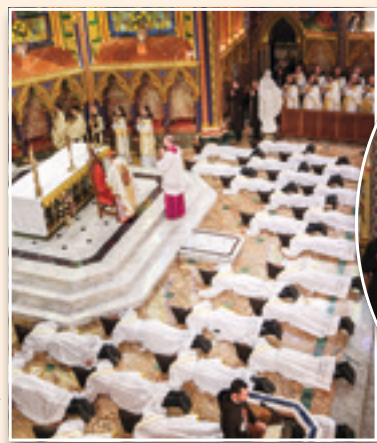
Fotos: Leandro Souza



**Homilia** – Dirigindo-se aos ordenandos, Dom Damasceno ressaltou: “Você não receberão, hoje, simplesmente uma função na Igreja, longa e pacientemente esperada, mas, ao serem configurados a Cristo Sacerdote, serão inseridos na própria missão de Cristo. [...] O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus”.



Arquivo Revista



Leandro Souza

**Sacerdotes de Cristo para sempre** – Prostrados, os candidatos impetraram o auxílio celeste durante a Ladainha de Todos os Santos. Em seguida, receberam o segundo grau do Sacramento da Ordem por meio da imposição das mãos do Cardeal Arcebispo – ato repetido pelos sacerdotes presentes – e da prece de ordenação.

Arquivo Revista



Fotos: Leandro Souza

**Ordenados para o Santo Sacrifício** – Os novos presbíteros foram revestidos dos paramentos sacerdotais – a estola sobre o pescoço e a casula. À continuação, apresentaram suas mãos a fim de serem unguidas com o sagrado crisma. Por fim, receberam a patena com o pão e o cálice com o vinho para o Sacrifício Eucarístico.

David Ayusso



Leandro Souza

**“Alter Christus”** – Configurados com Cristo, os neosacerdotes estarão aptos não somente a administrar os Sacramentos, mas também, a exemplo do Divino Pastor, conduzir as ovelhas a uma profunda união com Deus. Ao final, receberam as congratulações das autoridades presentes.

# Ministério sacerdotal

Fotos: Renan Rodrigues



instagram.com/sacantaclara

**No coração da Cidade Estrutural** – Intensas são as atividades na Paróquia Jesus Bom Pastor, localizada num dos locais mais carentes do Distrito Federal. A par das celebrações e programas sociais desenvolvidos na sede da paróquia, o Pe. Lourenço Ferronato, EP, dedica-se também à visita aos enfermos (foto 1), à bênção dos lares (foto 2) e à assistência espiritual da Associação Cristã Santa Clara – da qual é presidente –, dedicada ao amparo de crianças e famílias em situação de vulnerabilidade (foto 3).

Yuner Macuácuá



Ademir da Luz

Ademir da Luz

Yuner Macuácuá

Ademir da Luz



Arquivo Revisita

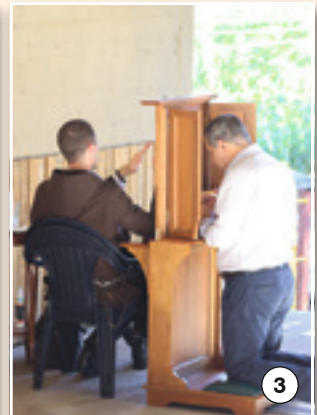
Lucília Maria Matos

**Consolo e esperança para os que sofrem** – Especial atenção dispensam os sacerdotes arautos àqueles que estão mais unidos a Jesus por seus sofrimentos. Nas fotos acima, Unção dos Enfermos e distribuição da Comunhão aos doentes em Matola, Moçambique (fotos 1 e 4); administração do mesmo Sacramento em hospital de São Paulo (foto 5); bênção aos enfermos em Tutupali, Equador (foto 3), e em hospital de Cotia (foto 6); assistência aos idosos da Casa de Repouso Solar dos Anjos em São Paulo (foto 2); e exéquias na Capela Sagrado Coração de Jesus, em Mairiporã (foto 7).



# a serviço da Igreja

Fotos: Karolime Kaufmann



Maria José Feliz

Karolime Kaufmann



Arquivo Revista

**Administração dos Sacramentos** – A facilidade de acesso aos Sacramentos distingue a Paróquia Nossa Senhora das Graças, confiada aos Aarautos do Evangelho, tornando suas diversas comunidades ponto de referência na região da Serra da Cantareira. Acima, Primeira Comunhão de adulto (foto 1) e crianças (foto 2) na Matriz São Judas Tadeu; celebração do Matrimônio na mesma igreja (foto 4); atendimento de Confissão na Capela Santa Inês (foto 3); e Batismo na Basílica Nossa Senhora do Rosário (foto 5) e na Capela Sagrada Família (foto 6).

Arquivo Revista



Paulo

**Junto aos fiéis** – Como Mãe solícita, através de seus ministros a Santa Igreja se faz próxima a cada um dos fiéis. Acima, bênção de residência em Fortaleza (foto 1); saudação aos paroquianos após a Santa Missa na Capela Santa Inês (foto 2) e Capela Nossa Senhora de Lourdes (foto 3), ambas em Mairiporã (SP).



Francisco Lecaros



## Abraçados a Maria

Quanta gratidão o sacerdote devotará a Maria Santíssima, da qual tudo recebe! Como retribuir Àquela que considera os sacerdotes seus filhos de predileção, por ver neles a imagem do seu Divino Filho?



✦ Pe. Santiago Ignacio Morazzani Arráiz, EP

**“A**legrem-se os sacerdotes na Virgem bendita!”<sup>1</sup>; exclamava Santo Efrém, o Cantor de Maria.

Para o sacerdote verdadeiramente devoto d’Ela, Nossa Senhora é a fonte inesgotável de todas as alegrias. E a ocasião por excelência em que ele pode conviver com sua Mãe é a Santa Missa, momento auge do dia e da vida de um presbítero. *Conviver*, eis o termo adequado, pois é sobretudo na Eucaristia que ele A encontrará, e é no decurso da celebração que Lhe manifestará o seu amor filial, confiando a Ela as suas intenções e abrindo-Lhe os segredos de seu coração.

### *Maria junto aos altares*

Pode o celebrante ter plena certeza de que a Santíssima Virgem Se encontra espiritualmente ao seu lado? Sem a menor dúvida. Pois, tendo Ela permanecido junto à Cruz até o fim da agonia de seu Divino Filho, da mesma forma acompanha a renovação do sacrifício d’Ele em toda Eucaristia, e assim o fará até o fim dos tempos, como o demonstram numerosos autores, entre os quais destacamos o Papa João Paulo II: “Maria está presente no memorial – a ação litúrgica – porque esteve presente no evento salvífico. [...] Está no memorial da Paixão-Ressurreição, junto de cada

altar onde se celebra, porque, aderindo com todo o seu ser ao desígnio do Pai, esteve presente no fato salvífico da morte de Cristo”.<sup>2</sup>

Nossa Mãe e Senhora, chamada “Rainha do Clero”,<sup>3</sup> é a primeira assistente em todas as Missas, e da sua presença o sacerdote tanto mais se beneficiará quanto mais a Ela se dirigir. Em primeiro lugar porque “devemos a Eucaristia à Santíssima Virgem, e porque, ao instituí-la, Nosso Senhor pensou primeiramente n’Ela”,<sup>4</sup> como escreveu certo discípulo de São Luís Maria Grignon de Montfort. E não é por acaso que Ela é recordada e honrada *in primis* na Oração Eucarística I, o Cãnon Romano: “Celebramos em primeiro lugar a memória da Mãe de nosso Deus e Senhor Jesus Cristo, a gloriosa sempre Virgem Maria”.

### *Coração sacerdotal*

Além do mais, conforme ensina São João Eudes, há uma semelhança admirável entre o altar da celebração e o Coração de Maria: “Foi nesse altar que Ela ofereceu à Divina Majestade o mesmo sacrifício que seu Filho Jesus Lhe ofereceu no Calvário. Esse adorável Salvador Se sacrificou uma vez a seu Pai, no altar da Cruz; mas a sua Santa Mãe O imolou dez mil vezes no altar do seu Coração, e esse mesmo Coração foi

como que o sacerdote que O imolou, e se imolou também com Ele”.<sup>5</sup>

Eis aqui mais um ponto de união entre a Santíssima Virgem e o sacerdote: embora não tenha recebido o sacerdócio ministerial, a sua dignidade “como Mãe de Deus é incomparavelmente superior à do sacerdote”<sup>6</sup> e, associada por seu Filho Divino à obra da Redenção, “foi supersacerdote, pelo fato de ter cooperado intrinsecamente com o mesmo Cristo no sacrifício redentor da humanidade”,<sup>7</sup> segundo explica o eminente teólogo dominicano Frei Antonio Royo Marín.

### *Refúgio de nossa fraqueza*

Ao considerar a sua própria pequenez e indignidade face ao adorável mistério do qual é ministro e mediador, o presbítero eleva o seu olhar para a Mãe de Misericórdia e n’Ela encontra o seu refúgio, como escreveu belamente um conhecido mariólogo: “Quando considera que tem em suas mãos esse Cristo, em nome do qual fala e age; quando se encontra, simples criatura, diante desse Deus cujo lugar assumiu por alguns instantes; [...] ele procurará seu modelo em alturas superiores. Como criatura transbordante de gratidão ao ver-se tão próxima do Deus de amor, desconcertada por essa participação tão íntima num mistério que a ultrapassa,

recorrerá à humilde Mãe do Verbo Encarnado. Na obscuridade da fé, olhará a Estrela do mar”.<sup>8</sup>

E o sacerdote terá plena consciência de que, embora seja pelas palavras dele que se opera a transubstanciação, é de Maria que ele recebe o inefável dom da Comunhão eucarística, como foi por meio d’Ela que a humanidade recebeu Jesus Cristo.

Acompanhando os termos do já citado escritor montfortiano, ele aplicará à Mãe de Deus as palavras do Livro dos Provérbios (cf. Pr 9, 5), cantadas no responsório eucarístico *Homo quidam* atribuído ao rei da França Roberto II, o Piedoso (972-1031): “*Venite, comedite panem meum, et bibite vinum quod miscui vobis* – Vinde, comei do meu pão e bebei do vinho que vos preparei”. Dessa forma, “a Virgem nos convida e tem o direito de nos convidar, pois esse pão é o seu pão: ‘*panem meum*’, que Ela nos preparou pela Encarnação. Esse pão é Jesus, o qual, tanto no altar quanto na Cruz, é o Filho d’Ela. E esse vinho que Ela nos preparou é o vinho puro da Divindade, demasiado forte para nossa fraqueza. Maria o temperou pela humanidade”.<sup>9</sup>

### Como agradecer a Maria?

Quanta gratidão o sacerdote devotará a Maria Santíssima, da qual ele tudo recebe! Como retribuir Àquela que considera os sacerdotes seus filhos de predileção, por ver neles a imagem do seu Divino Filho? Poder-se-ia afirmar que tal retribuição não é apenas

difícil de conceber, mas absolutamente impossível, devido à incalculável distância existente entre qualquer criatura humana – incluídos aqueles elevados à honra do sacerdócio – e a sublime dignidade da Mãe de Deus.

Entretanto, recorde-se que, para uma verdadeira mãe, o amor sincero de um filho é inestimável, e Maria o recebe no júbilo de sua alma, embora tal filho possa estar carregado de culpas e mi-



### Como retribuir Àquela que considera os sacerdotes seus filhos de predileção?

Missa na Casa Lumen Prophetæ, Franco da Rocha (SP); na página anterior, “Virgem com o Menino” - Museu Cristão, Esztergom (Hungria)

sérias. Portanto, o carinho filial do sacerdote tem, de si, o condão de abrir as portas do Coração Imaculado, e ali depositar a oferenda de ardorosa gratidão.

E há mais: já que o sacerdote tem o poder de aplicar, conforme as suas intenções, os méritos de Nosso Senhor em cada Missa celebrada, ele poderá oferecê-los às mãos maternas da Santíssima Virgem. É o que um fervoroso mariólogo chama de “enriquecer Maria”, a exemplo de São João Evangelista, explicando que assim rendemos a Ela um agradecimento digno de sua grandeza, pois é honrá-La com homenagens de valor infinito:

“O discípulo bem-amado fez sua Mãe participar de todos os bens dele, o que significa que Lhe ofereceu a Eucaristia e o sacrifício. Certamente, não podemos mais beneficiar Maria com a presença sacramental de Jesus, uma vez que Ela já goza da face gloriosa de seu Filho nos Céus, mas podemos depositar em suas mãos os frutos do sacrifício de aplicação que celebramos no altar, e enriquecê-La assim com meios sempre crescentes de servir na terra os interesses sagrados de seu Deus”.<sup>10</sup>

Filhos cheios de amor a nossa Mãe Imaculada, sacerdotes consagrados a Maria para toda a eternidade, a Ela nós imploramos:

Não vos afasteis jamais do nosso altar, Senhora. Acompanhai-nos desde agora até a última Missa de nossas vidas, inspirai nossas intenções, purificai nosso coração. Não queremos apenas celebrar em vossa presença, mas, arrebatados de amor, do início até o fim da Eucaristia desejamos também permanecer abraçados a Vós. ✚

<sup>1</sup> SANTO EFRÉM. Hymni de Beata Maria, I. In: *Hymni et sermones*. Mechliniæ: H. Des-sain, 1886, t.II, p.522.

<sup>2</sup> SÃO JOÃO PAULO II. *Angelus*, 12/2/1984.

<sup>3</sup> Expressão utilizada pelo M. Olier, fundador da Companhia dos Padres de São Sulpí-

cio (cf. BERGHE, Oswald van den. *Marie et le sacerdoce*. 2.ed. Paris: Louis Vivès, 1875, p.105).

<sup>4</sup> LHOUMEAU, Antonin. *La vie spirituelle à l'école du Bienheureux L.-M. Grignon de Montfort*. 4.ed Tours: Alfred Mame et Fils, 1920, p.460.

<sup>5</sup> SÃO JOÃO EUDES. Le Cœur admirable de la très Sacrée Mère de Dieu. In: *Œuvres complètes*. Vannes: Lafolye Frères, 1908, v.VI, p.322.

<sup>6</sup> ROYO MARÍN, OP, Antonio. *La Virgen María*. 2.ed. Madrid: BAC, 1997, p.111.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p.173.

<sup>8</sup> LAURENTIN, René. Marie et la Messe. Essai sur un problème de spiritualité sacerdotale. In: *Nouvelle Revue Théologique*. Bruxelles. Ano LXXI. N.1 (1949), p.53.

<sup>9</sup> LHOUMEAU, op. cit. p.464.

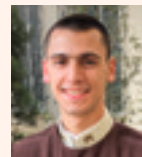
<sup>10</sup> BERGHE, op. cit., p.299.



## Um outro Elias

Mais de dois milênios e meio depois, em que nos toca a história de Santo Eliseu? Em tudo. Ele é para nós um irmão mais velho que nos precedeu no caminho da escravidão a Maria.

✦ **Ângelo Francisco Neto Martins**



Reprodução

Santo Eliseu - Capela do King's College, Londres

**S**anto Eliseu, quem é ele? O pai e senhor dos profetas do Monte Carmelo. O pregador que multiplicou pães. O homem a quem ursos obedeceram. O dominador dos reis de seu tempo. O vidente para quem o futuro não era enigma. O mais taumaturgo dos profetas. O general que venceu exércitos sozinho. Aquele que, vivo, ressuscitou um menino e, morto, devolveu a vida a um adulto. O Santo com quem o Altíssimo falava ao som da harpa.

Esse é Eliseu? Não.

Esses são os feitos de Eliseu. A sua verdadeira história não se encontra no que fez, mas no que foi. E ele foi muito maior que as grandezas acima mencionadas. Tornou-se ele um outro Elias.

### Um novo pai

Voltemos às cercanias de 860 a.C.<sup>1</sup> Um jovem, com suas doze juntas de bois, ara a terra de Abel-Meúla, em Israel: Eliseu, homem medianamente rico, indivíduo instalado na vida. Conterá talvez vinte anos e tem traçado diante de si um caminho segundo a lei, tranquilo, sem grandes sobressaltos e, portanto, sem grande glória.

Mas de repente tudo muda! Eliseu nota que se aproxima o homem de Deus: Elias, o profeta que há uns dois meses apenas enfrentara, só, o rei e a rainha, bem como os oitocentos e cin-

quenta sacerdotes de Baal e Aserá. Ele os vencera em nome do Senhor, trazendo fogo do céu à terra.

Quando está próximo, sem palavra dizer, lança a capa sobre Eliseu. Este compreende que o profeta acaba de o confiscar simbolicamente e, deixando de imediato os seus bois, corre atrás de Elias (cf. I Rs 19, 20). Mas a nostalgia de uma vida fácil poderia trair Eliseu. Não, porém, as saudades de uma vida entregue em holocausto. Ele toma uma junta de bois e imola-os. Com a lenha do arado coze as carnes e as dá a comer a sua gente (cf. I Rs 19, 21). Não sobra animal nem arado. Renunciava então aos seus *bens materiais*.

E, enquanto os seus se banqueteiavam, despede-se deles para sempre por causa de uma missão mais alta que si mesmo. Renunciava, assim, aos *bens afetivos e familiares*. São os dois primeiros passos de sangue indispensáveis para ser um discípulo perfeito: em seguida “levantou-se, seguiu Elias e pôs-se a seu serviço” (I Rs 19, 21).

Por cerca de seis anos Eliseu acompanha de perto o seu novo pai espiritual em suas arriscadas aventuras: é o tempo em que Elias enfrenta o rei Acab (cf. I Rs 21), denuncia a idolatria do monarca Ocozias (cf. II Rs 1, 1-4) e destrói, com chamas do céu, dois conjuntos de militares que o vinham prender

(cf. II Rs 1, 9-17). Sorvendo e admirando cada gesto do mestre, lá está Eliseu.

### Surdo para o mundo

Mas é chegada a hora de Elias partir, e a suprema prova do discípulo: estaria ele disposto a seguir o mestre, apesar da opinião contrária deste e da de toda a sociedade?

O teste começa pela parte mais árdua. Elias proíbe-o de fazer aquilo para que foi feito, isto é, seguir o profeta: “Fica aqui, porque o Senhor me mandou a Betel”. “Por Deus e por tua vida – respondeu Eliseu –, não te deixarei” (II Rs 2, 2). E assim venceu: soubera ouvir nas palavras do pai, não o que elas diziam, mas o que Elias de fato desejava. Ele entendia bem o ígneo coração do mestre.

Sucede então a segunda etapa. “Os filhos dos profetas, que estavam em Betel, saíram ao encontro de Eliseu e disseram-lhe: ‘Sabes que hoje o Senhor vai arrebatá-lo?’” (II Rs 2, 3). Havia agora que enfrentar o seu próprio meio... Eliseu renunciara aos laços de sangue. Vivía em oposição completa ao mundo. Naquele momento, porém, devia ignorar as injunções de seus irmãos de vocação, dos que viviam com ele. Devia renunciar ao seu mundo. E o faz: “Sim, eu o sei! Ficai calados!” (II Rs 2, 3), responde.

E continua acompanhando Elias. Enquanto mestre e discípulo se afastam conversando, os cinquenta filhos de profetas meneiam a cabeça, como que dizendo: “Esse Eliseu radical... quando aprenderá a ter bom senso?”

### O duplo espírito

Entrementes, Elias se dirige a Eliseu: “Pede-me algo antes que eu seja arrebatado de ti: que posso eu fazer por ti?” (II Rs 2, 9). A resposta foi eruptiva e direta, nascida como um gêiser de

uma alma toda consumida de admiração: “Seja-me concedida”, exclama Eliseu, “uma porção dobrada do teu espírito” (II Rs 2, 9).

Era o brado de vitória final sobre o orgulho! Eliseu derrubara, um por um, todos os torreões de amor-próprio à medida que renunciava meticulosamente a tudo. Enfim, vazio de si, tornou-se odre de eleição preparado para receber os vinhos preciosos e sempre novos do profetismo.

Assim, no instante em que cavalos de fogo arrebataram num turbilhão a Elias, baixa sobre Eliseu o manto do-

brado de seu mestre e, em dobro, o espírito elíptico. E o discípulo se despede com aclamações que invocam proteção: “Meu pai, meu pai! Carro e cavalaria de Israel!” (II Rs 2, 12).

Voltando sobre seus passos, Eliseu chega às margens do Jordão, divide as águas e atravessa o rio a pé enxuto. Os filhos dos profetas, contemplando tal cena, não podem deixar de constatar: “O espírito de Elias repousa em Eliseu” (II Rs 2, 15). E prostram-se por terra diante de Elias em Eliseu.

A partir de agora começam os milagres escachoantes e surpreendentes do discípulo perfeito. Já de entrada tornará saudáveis as águas antes ruins de uma cidade (cf. II Rs 2, 19-22) e, logo após, ordenará a dois ursos que castiguem quarenta e duas crianças que zombavam do profeta (cf. II Rs 2, 23-25). A uma viúva multiplicará o óleo precioso, conseguirá de Deus um filho para uma estéril e, quando este morrer, restitui-lo-á à vida e aos braços da mãe (cf. II Rs 4, 1-37). Tal apreço pela maternidade, fará dele “pai” e “mãe” para com os filhos dos profetas, a quem curará de uma intoxicação alimentar comunitária e, noutra ocasião, saciará cem homens com vinte pães, os quais, multiplicados além da medida, ainda sobrarão (cf. II Rs 4, 38-44).

Poderíamos elencar outras muitas ações maravilhosas de Eliseu que preenchem vários capítulos do Segundo Livro de Reis. Tomemos, entretanto, apenas dois dos aspectos mais significativos da vida do profeta: seu senhorio e sua escravidão.

### Os exércitos de Eliseu

Não havia, nos tempos de Eliseu, um plano secreto do rei de Aram, na região da Síria, contra Israel que não fosse malogrado. A única explicação, postulava o arameu, era que alguém de seu séqui-



Santo Elias é arrebatado em um carro de fogo diante de Eliseu - Convento Monte Carmelo, Haifa (Israel)

*“Uma porção dobrada do teu espírito”: eis o brado da vitória final daquele que, vazio de si mesmo, estava pronto para receber o profetismo*



to estivesse do lado dos israelitas. Reuniu os homens do conselho e ameaçou: “Não me descobrireis quem dos nossos nos traiu junto do rei de Israel?” Respondeu um deles: “Não foi ninguém, ó rei, meu senhor, é o profeta Eliseu quem conta ao rei de Israel os planos que fazes em teu quarto de dormir” (II Rs 6, 11-12). A medida foi extrema: mobilizou-se, para vencer o profeta do Todo-Poderoso, um exército inteiro.

Quando o servo de Eliseu viu as tropas que chegavam para prender seu senhor, desesperou-se. Mas o homem de Deus o acalmou: “Não temas! Os que estão conosco são mais numerosos do que os que estão com eles” (II Rs 6, 16). E, orando ao Onipotente, implorou que se abrissem os olhos do servo. Por fim, este contemplou a realidade: “Viu o monte cheio de cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu” (II Rs 6, 17). A mesma cavalaria ardente que transportara Elías, fazia agora a guarda de honra de Eliseu. O santo de Javé tinha às suas ordens as legiões incontáveis dos Serafins.

Aberto novo horizonte diante do servo, Eliseu entregou à escuridão a

visão dos perseguidores. De um momento para o outro, o exército arameu se tornou uma burlesca turma de cegos guiando cegos. O filho de Elías desceu até eles e passou a comandar os que o vinham prender. Dispunha agora não só dos soldados do Céu, mas ainda dos

*Começam os milagres  
surpreendentes do  
discípulo perfeito.  
Em todos eles,  
notam-se dois aspectos  
significativos:  
senhorio e escravidão*

da terra estrangeira. E, como pelas trevas acabava de os vencer e de os convencer dessa verdade, restituiu-lhes a vista e persuadiu-os a voltarem à sua pátria: “Os bandos arameus não fizeram mais incursões no território de Israel” (II Rs 6, 23).

De onde lhe vinha tamanha soberania? O que o elevou acima dos imperadores? A escravidão.

### *Escravo de amor*

Elías partira, mas o discípulo perfeito não deixou de o servir. “Eliseu, filho de Safat, que derramava água nas mãos de Elías” (II Rs 3, 11) – típica função do escravo naqueles tempos –, continuou exercendo sua vassalagem mesmo na ausência física do mestre. E com todas as manifestações próprias a esse estado.

As honras e a fama, desprezava-as como lama. Quando Naamã, célebre general de Aram, procurou o profeta para pedir a cura da lepra, Eliseu sequer saiu a recebê-lo. Não precisava ser cortejado para limpar as peles apodrecidas do peregrino.

Como ao prestígio, escapava também aos tesouros. Naamã, sanado por intercessão de Eliseu, ofereceu-lhe ouro e vestes: “Aceita este presente do teu servo”, implorou ele. “Pela vida do Senhor a quem sirvo – replicou Eliseu –, não aceitarei nada” (II Rs 5, 15-16).

Por que não queria o mínimo resquício de recompensa? Porque *servia*.

A sós, não era menos austero. Assim o testemunhou um casal de Sunão que costumava acolhê-lo em casa. Marido e mulher decidiram construir um quarto para o hóspede com tudo o que ele precisava: “uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma lâmpada” (II Rs 4, 9-10). Era esse o luxo do homem que dirigia os negócios de Israel, comandava as tropas inimigas e fazia-se obedecer pelos Querubins. Onde estavam os tapetes? Onde os quadros? Onde os belos artefatos de ouro? Tudo isso ele havia imolado com os bois de Abel-Meúla.

Assim era o servo de Elías.

### *A morte e a recompensa*

Os decênios transcorreram movimentados na vida de Eliseu, até aproximadamente o ano 790 a.C. Por esse tempo visita-o a derradeira doença. Junto ao leito em que ele prepara a



Reprodução

“O profeta Eliseu amaldiçoa as crianças que zombaram dele”, por Willem Willemsz van den Bundel - Gemäldegalerie, Berlim

viagem suprema, está de joelhos o rei de Israel, Joás, aflito e consternado.

Eliseu, que “nunca em sua vida teve medo de um príncipe” (Eclo 48, 13), ouve então, dos lábios do monarca, o elogio que não esperava, as palavras supremas de louvor, aquelas mesmas que dirigira a Elias ao vê-lo entre redemoinhos incendiados: “Meu pai! Meu pai!”, exclama em prantos o Rei Joás, “Carro e cavalaria de Israel!” (II Rs 13, 14).

Estava tudo dito. Elias e Eliseu, unidos na vida terrena, inseparáveis apesar da morte, encontrar-se-iam do outro lado ostentando o mesmo título, a mesma auréola, o mesmo espírito.

“Basta ao discípulo ser tratado como seu mestre” (Mt 10, 25). A Eliseu, bastava e sobrava...

Oitenta anos depois de vir à luz e seis décadas após encontrar Elias, Eliseu podia fechar tranquilo seus olhos para o mundo, pois “nada houve que o pudesse vencer: seu corpo, mesmo depois da morte, fez profecias. Durante a vida fez prodígios, depois da morte fez milagres” (Eclo 48, 14-15). Até

*Ele ensinou que quem se entrega à Mãe de Deus deve dar tudo, renunciando aos seus bens e ao seu mundo, se não efetiva, ao menos afetivamente*

um cadáver, atirado sobre “os ossos de Eliseu, voltou à vida e pôs-se de pé” (II Rs 13, 21).

### **Outros Eliseus**

Mais de dois milênios e meio depois desses fatos, em que nos toca a história de Santo Eliseu?

Em tudo. Ele é para nós um exemplo, um ideal, um irmão mais velho



“Eliseu recusa os presentes de Naamá”, por Pieter de Grebber - Coleção privada

Reprodução

que nos precedeu no caminho, que já palmilhou à perfeição as vias que ora atravessamos.

Eliseu foi um outro Elias. Nós devemos ser outros tantos Eliseus. Porque, da mesma forma que “Eliseu foi fiel a Elias, nós assim devemos ser fiéis a Nossa Senhora”.<sup>2</sup> Elias, primeiro devoto da Virgem, prefigurou-A de algum modo. De maneira que também Eliseu anunciou os futuros escravos de amor a Maria.

Ele ensinou que aquele que se entrega à Mãe de Deus deve dar tudo e dar-se todo, renunciando aos seus bens e ao seu mundo, se não efetiva, ao menos afetivamente. Ele proclamou que só será servo de Maria quem A siga apesar da opinião contrária dos outros, quem A acompanhe mesmo nas aridezes de alma e nas aparentes contradições da vida espiritual.

Mas ele também demonstrou para a posteridade que quem se desapegar de tudo terá às suas ordens a cavalaria do Céu e – ó tesouro imenso, incogitável – receberá em dobro o espírito de sua Senhora: “Talvez mais cedo do que se pensa”, profetizava, nesse sentido, São Luís Grignon de Montfort,

“Deus suscitará grandes homens repletos do Espírito Santo e do espírito de Maria [...]; e é por meio desta devoção [da escravidão de amor] à Santíssima Virgem, que eu apenas delinee e diminuí por minha fraqueza, que estes santos personagens irão superar tudo”.<sup>3</sup>

Imitemos Santo Eliseu. E, se formos para Maria o que ele foi para Elias, ele se tornará pré-figura nossa: “Que tenhamos nós o espírito d’Ela como Eliseu teve o de Elias, e estará tudo feito”.<sup>4</sup> ✚

<sup>1</sup> Os dados históricos presentes neste artigo foram auferidos, além de nas Sagradas Escrituras, nas seguintes obras: SPADAFORA, Francesco. Eliseo. In: SPADAFORA, Francesco (Dir.). *Diccionario Bíblico*. Barcelona: Editorial Litúrgica Española, 1959, p.184; MARCONCINI, B. Eliseo. In: LEONARDI, C.; RICCARDI, A.; ZARRI, G. (Dir.). *Diccionario de los Santos*. Madrid: San Pablo, 2000, v.I, p.678-680.

<sup>2</sup> CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Homilia*. São Paulo, 17/6/2006.

<sup>3</sup> SÃO LUÍS MARIA GRIGNON DE MONTFORT. *Le Secret de Marie*, n.59. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Du Seuil, 1966, p.468.

<sup>4</sup> CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Confissão*. São Paulo, 26/2/1966.



## “Felicito-a pelo filho que a senhora tem!”

“Deus honra os pais nos filhos”, reza a Sagrada Escritura (Eclo 3, 3). Convalescendo de uma cirurgia em Paris, um episódio corriqueiro deu a Dona Lucilia a oportunidade de comprovar quão verdadeiro é esse provérbio.

✎ **Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP**

Seria na capital francesa, onde as luzes da História se faziam ainda sentir em cada esquina, que Dona Lucilia acabaria por recuperar inteiramente a saúde.<sup>1</sup>

Paris não era de todo estranha a Dona Lucilia. Desde sua mais jovem idade como que convivera com ela, pela leitura assídua de autores franceses e, especialmente, do *Journal de l'Université des Annales*,<sup>2</sup> como também pelo trato íntimo com parentes e amigos que com frequência lá iam passar temporadas.

### **Encantos da Cidade Luz**

Ao ver pela primeira vez muitos daqueles edifícios, era como se reencontrasse velhos conhecidos, vindo-lhe à memória a imagem ideal, por ela formada a respeito deles através das descrições ouvidas ou lidas. Com o passar do tempo, seu encanto pelas tradições históricas discerníveis na magnífica urbe não cessaria de crescer. O colorido dos vitrais de Notre-Dame, o cintilar da lua cheia sobre as alvas pedras dos monumentos, as águas do Sena a fluírem sob pontes de belíssima cantaria, dando a impressão de correrem carregadas de reminiscências, enfim, tudo a maravilhava.

Menor não era sua admiração pelo esplendor daquela requintada sociedade dos últimos anos da *Belle Époque*, que então atingia seu máximo refulzimento.

Além disso, inocente como um cordeiro e delicada como um arminho, sentia ela muito agrado em apreciar as belas sonoridades da língua francesa, que falava na perfeição.

Nessa Paris, a tantos títulos assim amada, estabelecer-se-á Dona Lucilia durante algum tempo, tendo em vista também, e quiçá primordialmente, a formação de seus filhos.

Da famosa Place de l'Étoile, onde se ergue o Arco do Triunfo, parte, entre outras, a Avenue Friedland. Nela se situa o Hotel Royal. Foi nesse esplêndido estabelecimento, cujo proprietário era *Monsieur* de Dadrines, de nobre estirpe, que Dona Lucilia se hospedou com os seus em 1912.

Já na ancianidade, quase aos noventa e dois anos, Dona Lucilia ainda guardará viva lembrança de vários pequenos episódios ocorridos por ocasião de sua estadia no *doux pays*.<sup>3</sup>

### **Teatro de marionetes no Rond Point**

Narra ela:

*Estando no hotel, em Paris... O senhor sabe, eu não podia me mover com toda a facilidade, pois ainda sofria os efeitos da operação a que me tinha submetido na Alemanha. Por isso, não saía todos os dias e deixava as crianças com a governante, que as levava ao Rond Point.*<sup>4</sup>

*Certo dia, retornando desse passeio, a Fräulein<sup>5</sup> me disse estar Plínio cau-*

*sando sensação entre os assistentes de um teatrinho de marionetes. Ele discutia com os bonecos, invectivava contra um “crocodilo”... e eu fiquei preocupada. O que estará acontecendo?*

*No dia seguinte acordei melhor, mais bem-disposta. Resolvi, então, eu mesma acompanhar as crianças, sem dizer o motivo nem sequer à governante, para não a deixar apreensiva.*

*Chegamos e compramos os bilhetes. O local, cercado por umas cordas, era ao ar livre. As crianças, muito bem vestidinhas, estavam todas acompanhadas de familiares ou então de governantes.*

*Até o momento de começar o teatrinho, meus dois pequenos estavam bem-comportados, sentados na plateia. Quando se iniciou a peça, o senhor não faz ideia! O Plínio se tomou de indignação contra um “crocodilo” que estava querendo devorar um “padre”, pôs-se em pé e começou a discutir com ele.*

*Tratava-se de um bonequinho, com forma de crocodilo, o qual discutia com outro, que representava um sacerdote, dizendo ter o direito de devorá-lo. Dava como razão argumentos injustos, anticlericais, e o “padre” contra-argumentava, tentando defender-se.*

*O dono das marionetes – continuava Dona Lucilia – vendo que isso atraía muito a atenção de todos os presentes, aproveitou-se da circunstância, fez o crocodilo levantar a voz e, virando-se para o Plínio, começou a discutir*

diretamente com ele. Então, mais indignado ainda, subiu no assento e dali, com o dedinho em riste assim e balançando – ela fazia com o dedo o sinal de negação –, dizia ao “crocodilo” que não era verdade.

Com uma voz extraordinária, ela imitava:

— *Ce n'est pas vrai, ce n'est pas vrai!*

A cena, como relatava Dona Lucília, demorava ainda certo tempo, e Plínio, durante toda a apresentação, fazia parte do espetáculo. O teatrinho ficava assim constituído não só pelas marionetes, mas também por um vivo e inteligente menino brasileiro, que já nessa idade se exprimia muito bem em francês.

Dona Lucília prosseguia narrando um fato encantador, ocorrido logo em seguida.

### O “roubo” do bolo

Quando retornávamos ao Hotel Royal – dizia ela – resolvi levar meus filhos a uma confeitaria. Chamava-se Marquise de Sévigné. Rosée e Plínio ficaram fascinados com as vitrines muito bem-arranjadas, repletas de doces, balas e bombons de belas cores e embalagens atraentes. Rosée escolheu seu doce e Plínio quis um bolo de café. A balconista os embrulhou e entregou aos meninos. Plínio logo pegou o dele e ia saindo à frente. Eu o chamei e disse:

— Meu filho, você vai levar apenas o seu? Não fica bem a um cavalheiro



Admirada, Dona Lucília assistiu ao desenrolar da cena: o pequeno Plínio, de apenas quatro anos, defendia com garbo o pobre sacerdote em perigo...

Teatro de marionetes em Paris; em destaque, Plínio aos quatro anos

deixar a dama carregar algo. É indispensável que você tome o de sua irmã e o leve também.

Sem opor resistência, ele apanhou os dois pacotes e foi carregando, um em cada mão, pela rua.

Ia caminhando à frente, satisfeito, atrás Rosée e eu. De repente, vi passar um homem perto de mim, com chapéu, cavanhaque e uns bigodes bem finos, aparentando muito boa educação. Piscou-me um olho, querendo dizer que faria uma brincadeira inteiramente amistosa, como a pedir que eu permitisse esse respeitoso atrevimento da parte dele.

Depois, passou à frente de Plínio – continuava Dona Lucília – tirou-lhe os dois pacotes e disse:

— Muito obrigado! Muito obrigado mesmo! Você é muito gentil, eu lhe agradeço por me ter dado esse presente – e saiu andando.

Plínio correu atrás do homem, agarrando as pernas dele, fazendo-o parar, e afirmou:

— Não é correto o que o senhor está fazendo.

— Mas como!? Você me deu esses doces.

— Não, o senhor está cometendo dois pecados: primeiro porque roubou, uma vez que não lhe dei os doces; e, segundo, o senhor está mentindo, dizendo que os dei, quando não lhe disse isto. O senhor por favor me devolva, porque não são seus.

Depois de discutir um pouco com Plínio, o homem acabou por lhe devolver os pacotes, voltou-se para mim, tirou o chapéu e me cumprimentou:

— Madame, seu filho é encantador. Todas as manhãs, tiro algum tempo de meu serviço para passar no Rond Point e assistir às discussões dele no teatro de marionetes. Eu a felicito pelo filho que a senhora tem! ❖

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dona Lucília*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.141-144

<sup>1</sup> Acometida por uma penosa enfermidade, Dona Lucília viajou para a Alemanha em 1912, a fim de submeter-se a uma operação de vesícula biliar. A intervenção, que na época envolvia grande risco, foi realizada com êxito pelo Dr. August Karl Bier, renomado cirurgião e médico pessoal do Kaiser.

<sup>2</sup> Revista francesa na qual se destacava uma seção que reproduzia conferências feitas por historiadores e literatos de renome. Estas eram ilustradas por atores trajados segundo o

costume da época a que o orador se referia.

<sup>3</sup> Do francês, literalmente: doce país. Expressão afetuosa pela qual os franceses designavam sua própria nação.

<sup>4</sup> Praça ajardinada em forma circular, cortada por vá-

rias artérias, a mais importante das quais é a Avenida Champs-Élysées.

<sup>5</sup> Do alemão: senhorita. No Brasil daquele tempo se utilizava a palavra como sinônimo de governanta de origem alemã encarregada do cuidado de crianças.

# Irmã Pobreza e Dama Grandeza

No zelo pelo esplendor da Liturgia, os Santos nos revelam o sobrenatural equilíbrio entre pobreza e magnanimidade.



✠ Diac. Gabriel Borges Bonfim Silva, EP

**A**o declarar-se unido em simbólico matrimônio com a Irmã Pobreza, São Francisco de Assis deixou-nos lição preciosa. Estando na natureza do casamento a comunhão de bens, podemos imaginar que “vantagem” o Santo mendicante deve ter tirado desse desponsório místico...

Pobre por natureza, por óbvio, e evocando virtudes como humildade e mansidão, a Irmã Pobreza é, contudo, rica em bens celestes. Teologicamente, pela pobreza nos desprendemos dos bens terrenos por amor ao penhor celeste, conforme prescreveu Cristo: “Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terá um tesouro no Céu” (Mt 19, 21). Embora se trate de um conselho universal, os religiosos hão de praticar a pobreza com maior perfeição pela emissão de um voto.

A pobreza é também uma bem-aventurança (cf. Mt 5, 3), mas não cumprida da mesma maneira por todos. Convém muitas vezes aos Bispos, por exemplo, o uso de solenes ornamentos que manifestem a plenitude do Sacramento da Ordem, para que ele próprio se recorde que é Sucessor do Apóstolo e inspire aos fiéis a prática da virtude da honra, chamada por São Tomás de Aquino de *dulia*. Não lhes compete abraçar uma pobreza superficial, mas sim, por seu encargo, exercitá-la conjuntamente com a virtude da magnanimidade, que envolve também a posse de certos bens exteriores.

A magnanimidade, “que chamam também grandeza de alma, ou nobreza de caráter, é uma disposição nobre e generosa de empreender grandes coisas por Deus e pelo próximo”; supõe

uma “alma nobre, [...] um ideal elevado, ideias generosas; uma alma corajosa que sabe pôr sua vida em harmonia com suas convicções”.<sup>1</sup>

Assim, foram magnânimos e ao mesmo tempo desapegados São Francisco de Assis, que “anunciava aos frades a nobreza incomparável, a glória arcana e a sublimidade da imitação da humilde vida pobre de Cristo”;<sup>2</sup> o terceiro franciscano São Luís IX, rei da França, ao construir a deslumbrante Sainte-Chapelle; o mendicante São Tomás de Aquino ao edificar o exuberante monumento da *Suma Teológica*; o servo dos servos de Deus, o Sumo Pontífice, que de sua sede faz brilhar a autoridade de Cristo enquanto seu Vigário.

Os melhores exemplos de harmonia entre pobreza e grandeza encontramos precisamente na vida dos

“São Francisco desposa a Dama Pobreza”, por Giotto di Bondone - Basílica de São Francisco, Assis (Itália)





Dedicação do altar-mor da Igreja Abacial de Cluny, pelo Papa Urbano II - Biblioteca Nacional da França, Paris

Santos. Nota-se neles, ademais, que o zelo magnânimo pela Liturgia e pela instrução da grei fazia com que não fossem mesquinhos no uso dos bens terrenos para o maior esplendor do serviço de Deus.

São Clemente Maria Hofbauer, célebre pelas missões populares, referindo-se ao papel da arte em colaboração com o pregador, comentou que “o povo ouve mais com os olhos do que com os próprios ouvidos, é cativado pelo que vê”.<sup>3</sup> Na igreja dos redentoristas em Varsóvia, sob incentivo do missionário, não faltava a orquestra: acompanhavam-no dúzias de violinistas. Mencionou numa carta ter ele adquirido em Viena um valioso instrumento musical para uso na mesma igreja. E para justificar-se ante certos detratores irritados, ocupantes de altos cargos, explicitou: “Não se tratava aqui de um deleite para o ouvido, mas do louvor a Deus. Quanto mais festivo fosse um serviço religioso, tanto mais o homem faria a experiência de Deus; pela harmonia da música,

coração e mente se elevam a Deus e se inebriam de devoção”.<sup>4</sup>

No presbitério acendia tantas velas quanto possível, e vestia primorosamente os coroinhas. Os paramentos eram os mais belos e o local continha uma bíblia de grande valor. Diante dos resultados impressionantes em matéria de conversões e distribuição dos Sacramentos, causa perplexidade conhecer a violenta perseguição desatada contra o santo redentorista, acusado de “terríveis” delitos...

Protótipo da pobreza, São Francisco, que chegou a confessar a um de seus filhos espirituais – o qual se preocupava em fazer reservas para o futuro – preferir que se despojasse o altar da Santíssima Virgem se o requeresse a necessidade, antes que faltar em um ápice ao voto de pobreza, era também muito zeloso em socorrer os sacerdotes empobrecidos, sobretudo no que se referia ao decente ornato dos altares.<sup>5</sup>

Santo Odilon, abade de Cluny e grande esmoler, afirmou que “o ouro da Igreja não é feito para ser acumu-

lado, mas para ser distribuído”, e um de seus biógrafos narra que ele “cedeu em proveito dos pobres belos vasos e joias de sua igreja, inclusive a coroa do imperador Henrique I, julgando indigno recusar esses objetos aos pobres de Cristo, uma vez que seu Sangue foi derramado por eles”.<sup>6</sup> Por outro lado, o mesmo Santo – como os demais abades cluniacenses – elevou o esplendor dos templos e da Liturgia a um grau surpreendente: paramentos de valor, pinturas murais, lustres dourados, livros decorados, velas em abundância e toda espécie de ornamentação.

Em suma, a Irmã Pobreza, quando desposada por uma alma justa, não gera mesquinhez ou pusilanimidade, mas sim o florescimento da virtude da grandeza, a magnanimidade. Destarte, o despojamento evangélico, vivido em plenitude por tantos Santos, não é um fim em si mesmo, mas um meio de esvaziamento para uma maior manifestação da glória de Deus: “Que Ele cresça e eu diminua” (Jo 3, 30). ✠

<sup>1</sup> TANQUEREY, Adolphe-Alfred. *Précis de Théologie Ascétique et Mystique*. 6.ed. Paris: Saint Jean l'Évangéliste, 1924, p.680.

<sup>2</sup> CLARENO, Angelo. *Historia septem tribulationum Ordinis Minorum*, L.I.

<sup>3</sup> HEIZMANN, CSsR, Josef. *Vida de São Clemente Hof-*

*bauer*. Aparecida: Santuário, 1988, p.72.

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> Cf. SÃO BOAVENTURA. *Legenda de São Francisco*

*de Assis*, c.I, n.6; c.VII, n.4; c.VIII, n.5.

<sup>6</sup> CHAGNY, André. *Cluny et son empire*. Lyon-Paris: Emmanuel Vitte, 1938, p.218.



## *Sou todo vosso, sois toda minha*

*C*olocai, lançai no seio e no coração de Maria todos os vossos tesouros, todas as vossas graças e virtudes: Ela é um vaso de espírito, é um vaso de honra, é um vaso insigne de devoção.

*Depois que o próprio Deus Se encerrou com todas as suas perfeições nesse vaso, este se tornou todo espiritual e a morada espiritual das almas mais espirituais; tornou-se honorífico e o trono de honra dos maiores príncipes da eternidade; tornou-se insigne na devoção e a morada dos mais ilustres em mansidão, em graças e em virtudes. Tornou-se, enfim, rico como uma casa de ouro, forte como uma torre de Davi e puro como uma torre de marfim.*

*Oh! Como é feliz o homem que tudo deu a Maria, que se confia e abandona, em tudo e por tudo, em Maria! Ele é todo de Maria, e Maria é toda dele.*

*São Luís Maria Grignion de Montfort*

Nossa Senhora do Perpétuo  
Socorro - Casa de Formação  
Thabor, Caieiras (SP)